



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

JACKSON RIBEIRO DO NASCIMENTO

AS PAIXÕES RETÓRICAS NA ESCOLHA DO MINISTÉRIO SACERDOTAL

Maceió-AL

2023

JACKSON RIBEIRO DO NASCIMENTO

AS PAIXÕES RETÓRICAS NA ESCOLHA DO MINISTÉRIO SACERDOTAL

Trabalho de dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Linguística na área de concentração Linguística, linha de pesquisa: Linguística aplicada e processos textual-enunciativos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos

Maceió-AL

2023

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

N244p Nascimento, Jackson Ribeiro do.

As paixões retóricas na escolha do ministério sacerdotal /
Jackson Ribeiro do Nascimento. – 2023.
90 f. : il.

Orientadora: Maria Francisca Oliveira Santos.
Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade
Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística
e Literatura. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 81-83.
Apêndices: f. 84-90.

1. Gênero entrevista oral. 2. Retórica. 3. Paixões aristotélicas.
4. Ministério sacerdotal. I. Título.

CDU: 808

AGRADECIMENTOS

A Deus, alicerce de minha vida, que me concedeu esta oportunidade e me inspirou para que atingisse o desejado êxito.

Aos meus pais, que com simplicidade e sabedoria me educaram nos valores humanos e cristãos.

A minha orientadora, Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos, que me inspira e me incentiva na vida acadêmica, desde minha formação no seminário, nunca medindo esforços para me apoiar. Minha gratidão! Gratidão pela amizade, gratidão por tudo.

Aos componentes da banca examinadora, que dedicaram tempo à leitura e aos possíveis ajustes ao trabalho.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) pela solicitude aos pedidos discentes e pela dedicação ao trabalho acadêmico.

Aos Sacerdotes (informantes da pesquisa) pela disponibilidade em entregar à pesquisa o fulcro de suas paixões.

“Ai, palavras, ai, palavras,
Que estranha potência a vossa!
 Todo o sentido da vida
 Principia à vossa porta;
 o mel do amor cristaliza
 seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
 calúnia, fúria, derrota...”
(CECÍLIA MEIRELES, 1985).

RESUMO

Este trabalho, por meio dos gêneros textuais/discursivos, elege a entrevista oral como gênero que permitirá aos informantes fornecerem as informações desejadas. O objetivo é buscar, na linha da Retórica, entendida como a arte de persuadir pelo discurso, utilizando-se da tríade aristotélica (*ethos, pathos e logos*), analisar os informantes segundo as paixões aristotélicas, destacando o que os conduziram à prática do ministério. Desse modo, será possível detectar se a escolha se deu por amor, por obediência, por imitação, por imposição (medo), ou quaisquer outras razões, mostrando o poder do retor na decisão vocacional. O gênero entrevista oral foi escolhido porque a oralidade auxilia na eficiência das questões ligadas à espontaneidade da expressão e do uso da linguagem não formal, bem como à expansão das emoções latentes em cada informante. Os constructos teóricos que dão fulcro a este trabalho são os de Abreu (2009), Aristóteles (2011), Fávero; Andrade; Aquino (2003), Ferreira (2010, 2020), Koch (2004), Marcuschi (2005), Meyer (2007), Mosca (2001), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), Preti (2004), Reboul (2000), Santos; Dikson & Morais (2014), entre outros. O trabalho seguiu uma linha qualitativa, pois as ações se desenvolvem em processo e o pesquisador não detém de dados fornecidos *a priori*. Para a realização das entrevistas buscou-se a disponibilidade das três dioceses que formam a Província Eclesiástica de Alagoas, a saber: Arquidiocese de Maceió, Diocese de Penedo e Diocese de Palmeira dos Índios. As entrevistas foram seis (06) efetivadas por áudio e, em seguida, transcritas (MARCUSCHI, 2008; PRETI, 2004). O *corpus* foi constituído por duas entrevistas orais e mostrou como resultado o forte poder que o retor tem em despertar as paixões na escolha do ministério sacerdotal. Os resultados apontaram, por meio do gênero entrevista oral que foram encontradas as paixões aristotélicas, como o medo, a emulação, a confiança, o amor, entre outras no discurso dos presbíteros. A sua relevância se dá por apresentar possíveis pistas no sentido de que outros presbíteros e quaisquer outros profissionais também possam apresentar seus sentimentos e suas emoções nunca antes revelados.

Palavras-chave: Retórica. Paixões Aristotélicas. Gênero Entrevista Oral. Ministério Sacerdotal

ABSTRACT

This work, through textual/discursive genres, chooses the oral interview as a genre that will allow informants to provide the desired information. The objective is to seek, in the line of Rhetoric, understood as the art of persuasion through discourse, using the Aristotelian triad (ethos, pathos and logos), to analyze the informants according to the Aristotelian passions, highlighting what led them to the practice of ministry. In this way, it will be possible to detect whether the choice was made out of love, obedience, imitation, imposition (fear), or any other reasons, showing the power of the rhetorician in the vocational decision. The oral interview genre was chosen because orality helps in the efficiency of questions related to the spontaneity of expression and the use of non-formal language, as well as the expansion of latent emotions in each informant. The theoretical constructs that give focus to this work are those of Abreu (2009), Aristóteles (2011), Fávero; Andrade; Aquino (2003), Ferreira (2010/2020), Koch (2004), Marcuschi (2005), Meyer (2007), Mosca (2001), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), Preti (2004), Reboul (2000), Santos; Dikson & Morais (2014), among others. The work followed a qualitative line, as the actions are developed in process and the researcher does not have the data provided a priori. In order to carry out the interviews, the availability of the three dioceses that make up the Ecclesiastical Province of Alagoas was sought, namely: Archdiocese of Maceió, Diocese of Penedo and Diocese of Palmeira dos Índios. The interviews were carried out by audio and then transcribed (MARCUSCHI, 2008; PRETI, 2004). The *corpus* consisted of two oral interviews and showed how result the strong power that the retor has in awakening the passions in the choice of ministry priestly. The results indicated through oral interview that were found the Aristotelian passions, as fear, emulation, love, trust, among others in the priests speech. Its relevance is due to the fact that it presents possible clues in the sense that other elders and any other professionals can also present their feelings and her emotions never before revealed.

Keywords: Rhetoric. Aristotelian Passions. Oral Interview Genre. Priestly Ministry.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gêneros discursivos com base em Aristóteles	54
Quadro 2 – Posições e seu demonstrativo	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As paixões e a circulação da formulação retórica.....	71
Tabela 2 – As paixões e a circulação da formulação retórica.....	78
Tabela 3 – Síntese das paixões em atos retóricas (Entrevistas).....	79

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AL	Alagoas;
PPGLL	Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística e Literatura;
Ret.	Retórica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 RETÓRICA, DIALÉTICA E FILOSOFIA MEDIADAS0 PELA LINGUAGEM	14
2.1 Considerações acerca da retórica.....	14
2.2 Retórica: importância e caracteres	15
2.3 O advento da retórica.....	18
2.4 Acerca da retórica, dialética e filosofia.....	21
2.5 A retórica clássica e a nova retórica	22
2.5.1 Conceituações da retórica.....	23
2.5.2 Constituição do sistema retórico	25
2.5.3 Contribuições das partes do discurso	28
2.5.4 Os modos de argumentar.....	30
2.6 Compreensão das paixões aristotélicas.....	31
2.6.1 Ira (cólera).....	33
2.6.2 A calma	34
2.6.3 A amizade (o amor).....	34
2.6.4 A inimizade (o ódio)	35
2.6.5 O temor (medo).....	36
2.6.6 A confiança (segurança).....	36
2.6.7 A vergonha	37
2.6.8 A impudência (desvergonha)	38
2.6.9 O favor.....	38
2.6.10 A compaixão	39
2.6.11 A indignação	39
2.6.12 A inveja	40
2.6.13 A emulação.....	40
2.6.14 O desprezo.....	41
3 CAMINHAR FILOSÓFICO PELO PATHOS.....	42
3.1 Tomás de Aquino: vida e obras	42
3.2 Contribuição acerca das paixões	43
3.2.1 Classificação das potências da alma.....	44

3.2.2 Classificação das faculdades apetitivas.....	45
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	47
4.1 Discurso Religioso.....	47
4.1.1 Funções das Instituições.....	48
4.1.2 O discurso religioso e o auditório	49
4.1.3 O acordo entre o discurso do orador e seu auditório.....	50
4.2 Considerações acerca do gênero discursivo entrevista oral.....	52
4.3 O gênero discursivo entrevista oral	54
4.4 Aspectos metodológicos	56
4.4.1. Constituição do universo e do corpus	58
4.5 Análise da primeira entrevista	61
4.5.1 Análise do primeiro ato retórico (entrevista 1)	61
4.5.2 Análise do segundo ato retórico (entrevista1).....	65
4.5.3 Análise do terceiro ato retórico (entrevista 1).....	67
4.5.4 Análise do quarto ato retórico (entrevista 1).....	68
4.6 Demonstrativo das paixões nos atos retóricos (entrevista 1)	69
4.6.1 Análise do primeiro ato retórico (entrevista 2)	70
4.6.2 Análise do segundo ato retórico (entrevista 2).....	72
4.6.3 Análise do terceiro ato retórico (entrevista 2).....	74
4.6.4 Análise do quarto ato retórico (entrevista 2).....	75
4.7 Demonstrativo das paixões nos atos retóricos (entrevista 2)	77
4.7.1 Síntese das paixões em atos retóricos (Entrevistas 1 e 2)	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICE I: (ENTREVISTA 1).....	84
APÊNDICE II: (ENTREVISTA 2)	88

1 INTRODUÇÃO

A inclinação pelos estudos retóricos pode advir não somente da própria formação acadêmica específica nessa área para nela aperfeiçoar-se, mas também de áreas afins, como Filosofia, Psicologia, Linguística e até da própria linguagem que permeia quaisquer áreas do conhecimento.

No caso específico desta dissertação, entram em assonância, as postulações da Linguística e da Retórica: a primeira representada por categorias textuais, uma vez que há o predomínio da dessas categorias no discurso das manifestações discursivas; a segunda por elementos passionais aristotélicos, o que move as ações dos informantes, levando-os, muitas vezes, à tomada de atitudes e decisões vitais em sua caminhada enquanto comunidade social.

A Retórica aparece como a arte de persuadir pelo discurso para Aristóteles (2011), o que vai sustentar toda discussão acerca dos aspectos argumentativos do texto. Essa definição é ratificada e expressa por outros autores como Abreu (2009), Ferreira (2010), Reboul (2000), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), Meyer (2007), entre outros. As paixões aparecem ainda no campo retórico entre outros tópicos de discussão, pois elas indicam um estágio transitório e não permanente por que passa todo ser passional. No caso específico do trabalho, o estudo dessas paixões que se voltam ao presbítero, poderá ser uma contribuição, pois se trata de buscar no âmago os sentimentos talvez nunca revelados. Daí se infere que outros profissionais podem ser escutados e solicitados a explicar acerca do mesmo assunto.

Os estudos retóricos obviamente neste trabalho não focam apenas as paixões, mas aqueles elementos da linguagem que permitem que cada presbítero expresse em palavras o que lhe é questionado, muitas vezes usando argumentos que passam pelos quase lógicos, os que fundam e são fundados na estrutura do real e aqueles que são dissociados da realidade, embora esses argumentos não sejam o foco deste trabalho. Ainda pode endossar a expressão das paixões a própria modalidade da linguagem que permite ao presbítero expressar-se de maneira epistêmica, deontica e afetiva, não analisáveis diretamente.

Os elementos textuais são evidenciados também uma vez que o gênero escolhido para análise foi o gênero discursivo entrevista oral que mais fornece subsídios para a obtenção das informações acerca do objeto de análise do trabalho. A oralidade também é enfatizada porque os seus caracteres a exemplo das repetições, pausas, truncamento das sentenças, entre outras especificidades, revela caracteres da informalidade da linguagem. Por ser oral e por ser

também em um nível de língua informal, a entrevista transcorre em um clima de empatia, cooperação e seriedade na execução da entrevista solicitada.

Para a execução deste trabalho, observamos como objetivo geral analisar as paixões retóricas em discursos orais (entrevistas) acerca do processo vocacional do ministério sacerdotal. O andamento do projeto teve por base os seguintes objetivos específicos, que constueem os passos e procedimentos do trabalho: a) proceder ao levantamento da bibliografia existente na área da Retórica que seja pertinente às paixões; b) fazer o levantamento ainda da bibliografia acerca do gênero entrevista oral; c) fichar os livros referentes à temática em estudo; d) elaborar o questionário com perguntas fechadas e abertas para melhor obter informações dos informantes; e) proceder à transcrição dos dados orais, conforme as orientações de Marcuschi (2008) e Preti (2004); e f) agrupar as análises por categorias para a identificação das paixões retóricas.

Para a análise das paixões aristotélicas no gênero discursivo entrevista oral, observamos as seguintes perguntas norteadoras: a) De que maneira as paixões aristotélicas podem e puderam ser tidas como elementos persuasivo-motivacionais que justificariam ou explicariam a escolha sacerdotal dos entrevistados? b) Como resultado das análises, quais seriam as principais paixões identificadas no *corpus* da pesquisa? A busca de respostas a essas perguntas constituiu o grande foco de atenção neste trabalho.

Desse modo, o trabalho se compõe de quatro capítulos que se amalgamam em torno da busca das paixões aristotélicas: na primeira seção, surge a introdução do trabalho com seus aspectos norteadores; na segunda seção, aparecem todas as questões de Retórica e de Linguística que subsidiam a análise; na terceira seção, aparecem considerações acerca dos teóricos que se detiveram no estudo das paixões e, na quarta seção, aparecem o estudo do gênero discursivo entrevista oral e sua caracterização, os aspectos metodológicos e as análises. Aparecem a seguir a conclusão e as referências bibliográficas.

2 RETÓRICA, DIALÉTICA E FILOSOFIA MEDIADAS PELA LINGUAGEM

Todas as manifestações da linguagem que permitem sua análise em atos retóricos estão centradas nesta parte do trabalho, que vai contemplar algumas considerações acerca da Retórica, envolvendo também explicações sobre seu advento e, ainda, a inter-relação que existe entre esta linha em foco (Retórica), a Dialética e a Filosofia. As construções apresentadas subsidiam a melhor compreensão do estudo das paixões aristotélicas no ministério sacerdotal.

2.1 Considerações acerca da retórica

Este trabalho de dissertação centra-se nos estudos retóricos, mais especificamente na sua ligação com os seguimentos filosóficos, que são os construtores de sua gênese, tornando-os com mais consistência e com aplicabilidade em outras áreas sociais. A Retórica tem filósofos, a exemplo de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, entre outros, que a tomaram como parte constitutiva de suas atenções teóricas. Mesmo acenando para alguns filósofos, o fulcro deste trabalho se deu em Aristóteles, sobretudo, na análise das paixões por ele apresentadas, as quais podem ser vistas com foco na escolha do ministério sacerdotal.

A Retórica tem a persuasão como finalidade, e este trabalho insere-se nessa seara, pois o labor do pesquisador representa o exercício do seu ministério sacerdotal, e ainda, da sua formação filosófica, razão por que se utiliza do discurso religioso, por meio dos diversos ingredientes retóricos, a saber: o argumento do exemplo, o silogismo retórico, as figuras retóricas, os lugares da argumentação, entre outros, para gerar um discurso persuasivo, pois a argumentação está presente em toda e qualquer atividade discursiva, ou seja, em qualquer momento em que um indivíduo busque convencer ou persuadir alguém de/para alguma coisa.

Tem-se como fundamental o fato de que argumentar implica considerar o outro como capaz de reagir e interagir diante das teses que lhe são propostas. Desse modo, segundo Abreu, “argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro” (ABREU, 2009, p. 10).

Ao contrário de Platão, que concebia a Retórica como a manipulação dos espíritos pelo discurso e pelas ideias e por vezes a assume em uma perspectiva negativa, Aristóteles,

por sua vez, confere-lhe um valor positivo, não no universo científico, mas sim no domínio dos conhecimentos prováveis, ou seja, no que se refere à verossimilhança. O Estagirita chega a afirmar que “seria tão absurdo aceitar de um matemático discursos simplesmente persuasivos quanto exigir de um orador demonstrações invencíveis” (ARISTÓTELES, I, 1094b).

Desse modo, compreende-se a importância da Retórica e o que a legitima, pois como saber interdisciplinar, a Retórica está presente no Direito, na Filosofia, na Oratória, na Dialética, na Literatura, na Hermenêutica, na Crítica Literária e na Ciência. Ela está presente na política e nos direitos humanos, em qualquer situação polêmica, em que as armas mais eficazes são as da palavra. Sendo assim, a Retórica é a arte de defender-se pela argumentação nas condições em que a demonstração não alcança, por meio de “noções comuns”, que não são opiniões vulgares, mas que são aceitas pelo bom senso. Consequentemente, a Retórica assume um papel indispensável no mundo das incertezas e dos conflitos, como argumenta Reboul “é a arte de encontrar tudo o que um caso contém de persuasivo, sempre que não houver outro recurso senão o debate contraditório” (REBOUL 2000, p.27).

Por outro lado, a Retórica também pode ser entendida uma análise que pode ser feita do questionamento por ocasião da comunicação entre pessoas em suas relações interpessoais, assim explicada: “a Retórica é a análise dos questionamentos que são feitos na comunicação interpessoal e que a suscitam ou nela se encontram” (MEYER, 2007, p. 26). Acrescentando-se a isso, para Mateus (2018, p. 45) a Retórica se constitui “uma disciplina científica de análise da persuasão mas também uma arena prática onde, todos os dias, se manifestam operações de influência”.

Todas as considerações acerca da Retórica apontam para sua importância e destaque entre outras ciências, por conceder que a persuasão entre um *ethos* do orador e os sentimentos e as paixões do seu auditório (*pathos*) aconteça para que haja um possível acordo sobre o assunto (*logos*) entre os participantes comunicativos. A Retórica é disciplina científica (MATEUS, 2018), que possibilita a persuasão (MEYER, 2007) e tenta convencer e persuadir o auditório pelo discurso (ABREU, 2009).

2.2 Retórica: importância e caracteres

A Retórica é muito importante para a vida do ser humano, razão por que aparecem razões de três tipos: as intelectuais, as cidadãs e as profissionais. Quanto às primeiras

(intelectuais), o que faz a Retórica importante é o fato de ela ser essencial para o fortalecimento do ser humano enquanto usuário de símbolos, uma vez que ajuda a entender as diversas maneiras como o discurso forma comunidade, além de aguçar a sensibilidade moral acerca do poder que a Retórica porta para afetar os valores da sociedade.

Quanto às razões de ordem da cidadania, a Retórica se traduz como uma linha de sobrevivência em relação à característica de uma pessoa com formação escolar, de forma a tornar-se líder, pois muitas vezes precisa de resolver conflitos, negociar mudanças, iniciar política, lidar com a mídia, fazer justiça, celebrar conquistas, além de outras habilidades retóricas ligadas à forte cidadania.

Enfim, quanto às razões profissionais, a Retórica se justifica, pois as competências comunicativas são as mais requisitadas em quaisquer profissões em todas as partes do mundo. Assim, a formação em Retórica é grande valor para gestores, profissionais liberais, entre outras profissões. Se seus atos retóricos forem produzidos com boas estratégias, haverá a propensão da existência de carreiras com sucesso.

Constatamos que a Retórica é tão importante que está ligada à vida cotidiana e, sobretudo, comunicativa das pessoas nas suas interações sociais, com possibilidades de maior clareza, evidência e objetividade nas informações que essas pessoas passam em seus diversos ofícios em sociedade. Dessa maneira, a Retórica aparece na política (exposição de ideias e pontos de vista diferentes por representantes de partidos); no comércio (viabilização melhor de vendas e aceitação de mercadores na compra e venda de produtos); e na defesa jurídica (decisão processual por parte dos atores do direito). Acrescenta-se a isso a Retórica dos oradores sagrados que a utilizam para persuadir seus auditórios (HALLIDAY, 1999).

A Retórica traz em si caracteres traduzidos, por ser uma técnica que se explica por um conjunto de perspectivas que, se seguidas e postas em prática, podem ser utilizadas com o fim de convencer; traz ainda os tipos de argumento, o acordo e as figuras (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2014). Dizer isso seria afirmar que a Retórica dispõe de um conjunto de regras que vai conduzir a escolha do método para ser utilizado em cada caso com fins persuasivos; desse modo, a grande técnica persuasiva da Retórica, que indica os modos de argumentar, está centrada na tríada argumentativa *ethos*, *logos* e *pathos*, conforme as orientações discursivas se voltem ao caráter do orador, aos sentimentos e às emoções do auditório e, enfim, ao discurso propriamente dito, respectivamente.

Em sendo uma técnica, a Retórica se constitui um exercício de aprendizagem, que pode ser ensinado, por um especialista (retor) a alunos (auditório). Nesse sentido, Mateus

(2018) discorre sobre uma aprendizagem da Retórica que acontece de duas maneiras: a) de forma *emulatória*, que se dá quando o aprendiz chega a repetir gestos, entonações, posturas, oratória, entre outras especificidades de um orador considerado notável pelo auditório; b) de forma *aprendida* em contextos universitários, onde a Retórica entra como disciplina na grade curricular, pois desse modo:

A Retórica sintetiza assim um ensino: possui as suas próprias matérias, exercícios, avaliações, metodologia e bibliografia, bem como um corpo docente dedicado. É ensinada em eventos especializados e nas Universidades e, uma vez que possui um campo de sólidos ensinamentos, ela pode ser partilhada, estudada e examinada (MATEUS, 2018, p. 37).

Além dos caracteres apresentados, a Retórica se distingue por ser uma área científica, o que significa ser uma área do conhecimento humanístico, adquirida por meio do estudo e da prática com sistematicidade, tendo por base crenças e princípios seguidos. Por ter um objeto prático, a Retórica se alastra em uma diversidade de abordagens, o que propicia mais ainda o seu caráter científico.

Somando-se às considerações apontadas, a Retórica ainda se evidencia por apresentar um código moral e prestar-se aos princípios de uma prática social. Desse modo, a Retórica veicula na sua execução a trajetória de um conjunto de prescrições acerca da relação entre o orador e seu auditório. Desse modo, não é seu objetivo, por meio do que prescreve e acentua, usar os argumentos para manipular ou ludibriar seu auditório. Assim, a Retórica tem um aspecto duplo no sentido moral assim explicado por Mateus (2018):

A Retórica é, assim, duplamente código: primeiro, conjunto de indicações e regulamentos do funcionamento da persuasão; segundo, conjunto de regulações morais acerca da possível transgressão dos limites razoáveis assinalando as distorções da linguagem ao serviço do convencimento (MATEUS, 2018, p. 39).

Em última instância, a Retórica é uma prática discursiva que se encontra presente em todos os momentos da vida; por a linguagem conter poder, ela chega ao outro para emissão dos sentimentos, das ideias e contenções da vida. A Retórica se encontra em vários domínios da vida, seja no campo religioso, político, econômico ou mesmo naquele reservado ao lazer, é por meio da Retórica que nós emitimos nossos juízos e pensamentos nas atividades sociais.

Das considerações feitas, acentuamos que a Retórica, por um lado se caracteriza e se torna importante por razões intelectuais, cidadãs e profissionais; por outro, apresenta caracteres como a realidade de ser uma técnica, um processo de aprendizagem, um meio

científico de convivência, além de uma prática social e moral. Essas observações solidificam a importância da Retórica, o que a faz estender o seu campo de aplicação e conecta com outras áreas do conhecimento, estabelecendo um inter-relacionamento de saberes.

2.3 O advento da retórica

A Retórica nasce, não em Atenas, mas na Sicília grega, em 465 a.C., sua “origem é judiciária” (REBOUL, 2000, p.2). O contexto foi a necessidade de provar o direito de posse de terras pelos cidadãos da Grécia antiga, quando estas lhes haviam sido espoliadas por tiranos, na batalha de Salamina, na qual os gregos triunfaram sobre os persas. Na verdade, surge intimamente associada à reivindicação da propriedade como técnica de persuasão através da linguagem.

Com a queda dos tiranos, fez-se necessário que os cidadãos pudessem se prover com bons meios argumentativos, haja vista não existirem advogados, para reclamarem seus bens. Em uma democracia nascente, surgiu a necessidade de argumentar em favor do direito à terra, levando os camponeses gregos ao tribunal da cidade. Mateus qualifica esse momento histórico como uma “guerra civil à qual se seguiram imensos conflitos em Tribunal” (MATHEUS 2018, p.59), o que resultou no aparecimento dos primeiros professores dessa nova disciplina reivindicativa.

Com a chegada da democracia, urgia também a potência do poder da palavra, como instrumento para a persuasão, ferramenta para a aquisição dos interesses, tanto os privados, quanto os comuns. Nesse contexto, Córax e seu discípulo Tísias escreveram a “arte oratória” (*tekhné rhetoriké*), coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para o uso das pessoas que recorressem à justiça (REBOUL, 2000, p.2).

O itinerário de ensino da nova arte oratória estendeu-se da Sicília para Atenas através dos professores de Retórica e dos profissionais da oratória; os Sofistas eram pagos para defenderem diversas causas. Rapidamente essas pessoas começaram a vender e a ensinar o seu conhecimento prático. Entre os primeiros Sofistas que chegaram a Atenas estavam Protágoras, vindo do Norte da Grécia; Górgias, da Sicília; Pródico, da ilha de Keos e Hípias, do Peloponeso. Segundo Mateus (2018), atraídos pela riqueza da maior cidade-estado, muitos Sofistas respondem às necessidades de um considerável segmento da população, que estava disposta a pagar os seus elevados honorários.

Com os Sofistas¹, portanto, a Retórica surge para fundamentar um ensino mais aprofundado da linguagem, do discurso e das técnicas persuasivas, em que se valorizavam uma prosa erudita e uma correta utilização da gramática; entretanto, o acesso a esse conhecimento acurado era destinado àqueles que poderiam pagar, disso resultam as principais críticas a esses mestres. Embora a Retórica tenha sido a grande invenção dos Sofistas e tenham prestado relevantes benefícios à arte retórica, esses sofistas são abusivamente postos em segundo plano pelo fato de desejarem ganhar qualquer causa, mesmo sem uso ético, pois buscavam apenas fins lucrativos. Para Mateus (2018, p. 65-66):

Tendo em conta o papel que a Sofística teve, não apenas no aparecimento da Retórica como arte, mas também na capacidade de iniciar uma reflexão em torno das questões da linguagem, da ordem social e do relativismo, a Sofística possui uma importância histórica assinalável. Porém essa importância não impediu que acérrimas críticas surgissem e que a Sofística fosse quase exclusivamente reduzida a uma atividade artificiosa e desvirtuada (MATEUS, 2018, p. 65-66).

Platão, adverso às ações praticadas pelos Sofistas, apresenta, por meio do diálogo intitulado *Górgias*, forte condenação à moralidade retórica praticada por eles. De acordo com Reale (2008, p.151), Platão afirma que a Retórica não passa de pura adulação e adulteração do verdadeiro. O problema da Retórica e dos Sofistas, de acordo com Platão, é que em vez de se dedicarem à virtude e à verdadeira sabedoria, eles inventam definições de justiça de acordo com aquilo que lhes fosse mais conveniente. Assim entendida, a Retórica pareceu a Platão mais próxima da arte culinária que da medicina; mais apta a satisfazer o gosto do que a melhorar a pessoa (*Górgias*, 465e).

Dessa maneira, a Retórica, conforme Platão, consiste em uma espécie de manipulação dos sentidos e da razão, levando o auditório a acreditar nas lisonjas que escuta, impedindo-o de perceber que se trata, efetivamente, de pura adulteração do verdadeiro. Tal como a arte pictórica pretende imitar a realidade, assim a Retórica procura persuadir e convencer apenas com um discurso demera aparência, bajulador e atrativo, mas um discurso que não dispõe do conhecimento inteligível ou verdadeiro acerca daquilo que fala. A Retórica é, pois, destituída de valor epistemológico visando somente agradar e encantar e, por isso, Platão percebe-a como uma ameaça à Filosofia.

¹ Os sofistas correspondem aos filósofos que pertenceram à “Escola Sofística” (IV e V a.C.). Composta por um grupo de sábios e eruditos itinerantes, eles dominavam técnicas de retórica e discurso, e estavam interessados em divulgar seus conhecimentos em troca do pagamento de taxa pelos estudantes ou aprendizes.

No entanto, no *Fedro*, Platão aproxima a Retórica da Filosofia, dando-lhe um outro direcionamento, chamando-a de “Retórica pedagógica ou educativa”, que seria a “arte de guiar a alma por meio de raciocínios, não somente nos tribunais e nas assembleias populares, mas também nas conversações particulares” (*Fedro* 26 1a). Conforme Mateus (2018, p. 68-9), Platão apresenta-nos duas Retóricas; uma própria dos Sofistas, que não é arte, mas falsa adulação e uma segunda Retórica com semelhanças à Filosofia, mas sem conteúdo próprio. Mesmo com essa aproximação da Filosofia, Platão não atribuiu à Retórica uma função específica ou uma sistematização.

A ação de sistematizar a Retórica, na verdade, é feita por Aristóteles, que estabelece e sistematiza a Retórica como arte persuasiva, conforme o seu *Tratado de Retórica*, que é dividido em três livros. No *Livro I*, Aristóteles apresenta os argumentos em favor da utilidade da Retórica, uma análise da natureza da prova retórica que é o entimema² e fundamenta os três gêneros retóricos: a) político ou deliberativo (que procura persuadir ou dissuadir); b) judicial (que acusa ou defende); c) demonstrativo ou epidítico (que elogia ou censura). No *Livro II*, o plano emocional é analisado em sua relação com a recepção do discurso retórico. Nesse sentido, Aristóteles identifica e descreve uma série de paixões/emoções³ que são fundamentais para a produção de um discurso persuasivo. Aqui se encontra o objetivo central deste trabalho, analisar quais paixões retóricas foram suscitadas nos presbíteros quando da escolha do ministério sacerdotal. No *Livro III*, são analisados o estilo e a composição do discurso retórico, além de elementos como clareza, correção gramatical e ritmo, o uso da metáfora e as partes que compõem um discurso.

Em seu *Tratado de Retórica*, Aristóteles não assume a perspectiva platônica de dividir a Retórica em dois tipos: a Sofística e a Filosófica, caracterizando-as como boa e má. O Estagirita não assume o caráter moralizante que vigorava em Platão. O dinamismo prático dado por Aristóteles à Retórica a tornou uma técnica de persuasão que, em si mesma, não é boa nem má. Mateus (2008) afirma que são os usos que se dão à Retórica que podem ser classificados como benéficos ou prejudiciais. Assim, quando colocada no nível dos assuntos cotidianos, a Retórica é ferramenta com que a razão se mune para debater publicamente acerca de diversos temas.

² Segundo Aristóteles, silogismo fundado em premissas prováveis. É conhecido como um silogismo retórico que contém pelo menos uma premissa não formulada ou subentendida. Enquanto o silogismo é usado na dialética, ou na arte da discussão lógica, o entimema é usado na retórica, ou na arte de falar em público.

³ Alguns autores traduzem o termo *pathos* (grego) como emoções. Neste trabalho, adotamos o termo paixões.

2.4 Acerca da retórica, dialética e filosofia

Conforme exposto anteriormente, um dos grandes conflitos da antiguidade foi o da competência entre filósofos e retóricos; a Retórica, ao longo dos séculos, estabeleceu-se por meio de diversos filósofos, tendo Aristóteles como o grande sistematizador. Todavia, nem todos a enxergaram como uma arte útil e positiva, podendo ser concebida como realidade enganosa. Embora fosse possível fazer um itinerário histórico da Retórica, analisando em quais circunstâncias e quais filósofos a promoveram e quais a levaram à decadência, preferiu-se, nesta abordagem, tomar somente Platão como exemplo de crítico à Retórica, em nome da Filosofia.

Durante algum tempo a Retórica foi desacreditada, devido a Platão, que a concebia como a arte de manipular o auditório. Ele acusava os Sofistas de usarem a Retórica para persuadir as pessoas, por meio da eloquência e da utilização de técnicas argumentativas, ainda que a tese fosse falsa ou falaciosa. A concepção platônica era a de que tudo o que não buscava a verdade, não era digno de ser discutido. Para esse filósofo, a Dialética seria a verdadeira técnica da utilização de argumentos apodícticos que visavam não ao verossímil, mas à verdade ideal. Desse modo, somente o que era da ordem dual a exemplo de falso/verdadeiro era objeto da filosofia.

Aristóteles superou esse conflito, fazendo um paralelismo, quando afirmou que “a Retórica é um ramo da dialética” (ARISTÓTELES, 2011, p. 46), colocando as duas em nível de igualdade. Desse modo, a Retórica e a Dialética são dotadas da mesma estrutura lógica, ou seja, compartilham do mesmo modo de argumentar, aplicando seus respectivos procedimentos a diversos tipos de conteúdo, e isso resulta do fato de que ambas têm procedimentos praticáveis por todos, além de se servirem de procedimentos analógicos. Por meio dessa constatação, Aristóteles chega ao cerne do problema filosófico que perpassa toda sua obra; o estudo da arte retórica, a partir de sua estrutura lógica, voltada para a persuasão.

Dessa forma, Aristóteles ensina que a Retórica apresenta analogia com a Lógica, e, por conseguinte, com a Filosofia, sob o aspecto formal, superando, assim, a concepção de Platão, no *Górgias*, que contrastava dois usos do discurso argumentativo, do ponto de vista de seu valor filosófico; o uso retórico, definido pelo valor da persuasão, e o uso dialético, definido pelo valor da verdade.

Segundo Mateus (2018), Aristóteles não supervaloriza nem diminui a Retórica, antes lhe oferece uma condição realista e modesta, segundo a qual a Retórica assume o papel

principal da discussão dos assuntos cotidianos sobre os quais não é possível erigir um raciocínio lógico e demonstrativo.

Para Reale (2008), fica evidente que, na perspectiva aristotélica, os métodos de persuasão da Retórica, desenvolvidos ao longo de sua obra, apresentam analogias com os silogismos, isto é, o paralelismo entre entimemas e silogismo. Aristóteles (2011, p.42) expõe que a persuasão é um tipo de demonstração, uma vez que nos sentimos plenamente persuadidos quando julgamos que uma coisa é demonstrada; a demonstração do orador é um entimema, sendo este, em geral, o mais eficaz dos meios de persuasão. A estrutura do silogismo se dá por meio de três proposições, a saber: todos os homens são mortais; Sócrates é homem; logo, Sócrates é mortal. Enquanto o entimema é um argumento que contém pelo menos uma premissa não explícita, como por exemplo, Sócrates é mortal porque é homem.

Quanto às relações entre a Retórica e a Dialética, ambas tanto provam uma tese quanto seu contrário; pois possibilitam a discussão de tudo o que for controverso, conforme expõe REBOUL (2000, p. 39):

Retórica e Dialética são, pois, duas disciplinas diferentes, mas que se cruzam como dois círculos em intersecção. A Dialética é um jogo intelectual que, entre suas possíveis aplicações, comporta a Retórica. Esta é a técnica do discurso persuasivo que, entre outros meios de convencer, utiliza a Dialética como instrumento intelectual. Pois bem, se os dois círculos podem cruzar-se, é porque se situam no mesmo plano, e – indo mais longe – porque pertencem em sentido estrito ao mesmo mundo (REBOUL, 2000, p. 39).

Dessa forma, observamos que tanto a Dialética quanto a Retórica têm um mesmo conteúdo racional. A diferença é que a Retórica só atinge o verossímil, enquanto a Dialética, por sua vez, busca atingir as verdades demonstrativas. Percebemos assim que a Retórica é uma arte situada em um patamar diferente da Filosofia e das Ciências Exatas. A Dialética assume em sua configuração um papel amplo, envolvente, onde está a própria Retórica.

2.5 A retórica clássica e a nova retórica

Nesta parte do trabalho, aparecem pontuações acerca da Retórica Clássica e da Nova Retórica. Embora o estudo neste trabalho se centre mais especificamente nas paixões aristotélicas, buscamos autores que subsidiam a teoria e auxiliam no processo interpretativo e analítico dessas paixões. Nesta parte, além do que apontamos, são apresentadas conceituações da Retórica, além dos constituintes do sistema retórico e das partes do discurso (sistema

retórico das entrevistas dos presbíteros) e, finalmente, as categorizações das paixões (categorias de análise do trabalho).

2.5.1 Conceituações da retórica

A definição de Retórica, desde a antiguidade ao tempo hodierno, é bastante flexível porque cada teórico busca salvar a sua característica principal que é a persuasão, entrelaçando-a a outros destaques como, por exemplo, a configuração do discurso. Na Retórica Clássica, tomamos as seguintes definições como as mais representativas: a) a de Platão como geradora de persuasão; b) a de Aristóteles, capaz de descobrir os meios de persuasão relativos a um dado assunto; c) a de Hermágoras, a faculdade de falar bem no que concerne aos assuntos públicos e, enfim, d) a de Quintiliano, como ciência de bem falar, duas dessas definições convergem para a persuasão (a e b) e as outras duas (c e d) se voltam à arte de bem falar.

Dessa maneira, a Retórica persegue a persuasão (Platão), evidentemente acrescida pelas técnicas argumentativas, em que estão incluídos os tipos de argumento, para que essa persuasão aconteça a partir de um acordo prévio; para Hermágoras e Quintiliano, a característica que se sobressai da Retórica é a arte de falar bem. Daí, inferimos realmente que a Retórica, por meio dos meios que estão disponíveis ao orador, os quais se inserem nas provas intrínsecas e extrínsecas, com um acordo prévio, pode esse orador conseguir a adesão do auditório.

Além disso, em um mesmo aspecto, todas essas definições concordam que a Retórica e o seu estudo têm em vista a criação e a elaboração de discursos com fins persuasivos. No entanto, embora sejam idênticas no essencial, elas realçam quatro elementos retóricos importantes: o estatuto metodológico, o propósito, o objeto e o conteúdo ético, respectivamente.

A definição de Quintiliano referenciada põe em questão o caráter ético da Retórica, ou seja, a Retórica ser ou não ser eticamente neutra. Nesse sentido, Platão sustenta que ela deve ser eticamente responsável e comprometida; Aristóteles, por sua vez, defende a sua neutralidade e faz depender do orador, não do sistema retórico, o uso responsável ou não das técnicas de persuasão. Inferimos que Quintiliano representa com a sua definição a posição intermediária, pois para ele, a eloquência é uma virtude, e o orador é um *vir bonus dicendi peritus*, isto é, homem de bem que fala de forma eticamente aceitável.

Nesse contexto, a Retórica é, pois, uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação, não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos. Quando os antigos dizem que a Retórica é a arte de bem falar, fazem-no na consciência de que, para se falar bem, é necessário pensar bem, e de que o pensar bem pressupõe, não só ter ideias e tê-las lógica e esteticamente arrumadas, mas também ter um estilo de vida, um viver em conformidade com o que se crê.

A Retórica, pelas características que apresenta, pode ser observada em um elo comunicativo, pois, de certa forma, sob sua perspectiva, interagem entre si um *ethos*, um *logos* e um *pathos*. Essa concepção é ratificada por Mateus (2018, p.11), ao enunciar: “A Retórica é uma atividade eminentemente comunicativa pela qual influenciemos os outros”. Para Perelman & Olbrechts-Tyteca a Retórica é definida como “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento”. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p.4); enfim para Meyer (2007, p.25), a Retórica é “a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”.

A partir desses conceitos da retórica contemporânea (Nova Retórica), pode-se inferir, sobretudo com Perelman & Olbrechts-Tyteca, a priorização do *logos*, tal como preconizou Aristóteles. “Para Platão, a Retórica admitia seu eixo no *pathos*; para Aristóteles, o *logos* foi priorizado, pois pretendia uma sistematização da Retórica no âmbito do racional; para os romanos, mormente Cícero, Quintiliano e Tácito, o *ethos* era o cerne das provas retóricas, pois o êxito da Retórica estaria no orador” (MEYER, 2007, p.22-4). Desse modo, Meyer (2007), seguindo os passos de Aristóteles, afirma que não se deve compreender as provas retóricas independentemente entre si, mas pela interação entre as três – *ethos*, *pathos* e *logos*.

Apesar de a tríade aristotélica constituir-se uma unidade, estudamos cada elemento, um por vez, de maneira didática, com a disposição afetiva para *ethos* e *pathos* e racional para o *logos*. Desse modo, o *ethos* é entendido como as diversas maneiras que o orador assume perante seu auditório a fim de adquirir a sua credibilidade, é então “o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem sua confiança...” (REBOUL 2004, p.48).

O *ethos* do orador se organiza em conformidade com seu auditório, é flexível ou sistemático em sua exposição, se assim a ocasião exigir. Então, normalmente o *ethos* deve mostrar-se sensato, sincero e simpático, pois suas ideias devem transparecer a capacidade de

emitir conselhos, bem como não demonstrar ares de dissimulação e despertar a capacidade de ajuda para com o auditório.

O *pathos*, que se volta ao auditório, tem uma grande importância neste trabalho por estudar as paixões aristotélicas. Desse modo, esse *pathos* “é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso”. (REBOUL, 2004, p.48). Devemos estar atentos aos modos como conseguimos despertar os sentimentos no auditório. Nessa linha de entendimento, Ferreira (2010, p. 103) diz: “o *pathos* é um argumento de natureza psicológica, está vinculado à afetividade, remete ao auditório, ao conjunto de emoções, a paixões, sentimentos que o orador consegue despertar no seu ouvinte”.

Quanto ao *logos*, este se volta à própria argumentação do discurso. Neste trabalho, cujo objetivo é o estudo das paixões, esse *logos* emana de um auditório específico (presbíteros entrevistados) que discorre acerca dos seus raciocínios como meios de persuadir. É um amálgama feito entre *ethos*, *logos* e *pathos* que essa tríade se constitui, além de acontecer a proliferação do discurso.

2.5.2 Constituição do sistema retórico

Esta parte do trabalho aborda a centralidade do estudo retórico: os seus princípios e os seus métodos, os conhecimentos acerca da melhor maneira de um orador persuadir, pelo discurso, o seu auditório. A Retórica é apresentada como a arte da liderança na qual se ensina a falar de forma convincente, a saber dizer o que é mais propício e a levar o auditório a desejar aderir às propostas que lhe apresenta e, ainda, a lidar com a necessidade de gerir as emoções, invocar a autoridade ou apoiar-se na força da razão.

De acordo com a tradição grega, a Retórica é constituída em quatro etapas que, “representam as quatro fases pelas quais passa quem compõe um discurso, ou pelas quais, acredita-se que passe” (REBOUL, 2000, p. 43). Dessa forma, um processo argumentativo integral deveria ser desenvolvido por meio das quatro etapas: a) a *inventio*/invenção, b) *dispositio*/disposição, c) *elocutio*/elocução, d) *actio*/ação – às quais, segundo Mosca (2001, p.28), os romanos acrescentaram mais uma – a *memoria*/memória; foram essas partes observadas nas análises.

A *inventio* consiste em compreender o assunto e reunir todo material de onde se buscam os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso.

É, propriamente, o conteúdo do discurso. Assim, ela consiste na “busca que empreende o orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso” (REBOUL, 2000, p. 43). O orador deve não somente reunir todos os argumentos plausíveis para elaboração do discurso, ou seja, conhecer bem o assunto, como também se identificar com seu auditório, estabelecendo acordos e encurtando distâncias em relação à temática proposta. A esse respeito, nos adverte, Ferreira (2010, p. 63), “a invenção pode ser invisível para o auditório, mas é sensível para o analista, pois se traduz na disposição, na elocução e na ação”.

A *dispositio* refere-se à ordenação das diversas partes do discurso. Consiste em ordenar os argumentos reunidos na primeira etapa. Conforme Mosca (2001, p.28), “trata-se da organização interna do discurso, de seu plano”. Enquanto, na *inventio*, o orador junta as provas, na *dispositio*, ele as coloca no texto em ordem lógica ou psicológica com a finalidade de atingir a persuasão. Por isso, quando se busca argumentar, tendo em vista a obtenção da adesão de um auditório, a ordem é fator imprescindível.

Para Reboul (2000, p.43), “a disposição, em si, é um lugar, ou seja, um plano – junto ao qual se recorre para construir o discurso”. Seguindo essa concepção, o autor apresenta três razões que justificam a necessidade dessa etapa na construção do processo argumentativo.

A disposição tem função econômica: permite nada omitir sem nada repartir; em suma, possibilita que o orador ‘se ache’ a cada momento do discurso. Depois, quaisquer que sejam os argumentos que organize, **a disposição é em si mesma um argumento.** Graças a ela, o orador faz o auditório encaminhar-se pelas vias e pelas etapas que escolheu, conduzindo-o assim para o objetivo que propôs. Finalmente, **a disposição tem função heurística,** por permitir interrogar-se metodicamente. Pois, em suma, o que é um plano? É formular-se uma séria de perguntas distintas, constituindo cada uma delas uma parte ou uma subparte. Saber fazer um plano é saber fazer-se perguntas e tratá-las uma após outra, agindo de tal modo que cada uma delas nasça da resposta precedente. (REBOUL, 2000, p.60).

A função econômica, supracitada, remete-nos ao que, hodiernamente, chamamos de macroestrutura textual. Por meio dela, o orador deve dar coerência ao texto, quando organizar um discurso com finalidade persuasiva. Conforme Ferreira (2010, p. 110), “a coerência global do discurso retórico se dá por meio das unidades temáticas organizadas para ressaltar a estrutura profunda do texto”.

A *elocutio* refere-se à redação do discurso, ao estilo. Trata-se do uso da linguagem para bem se apresentar. Para Reboul (2000, p.63), “ser claro é pôr-se ao alcance de seu

auditório concreto”, e essa é uma das funções da elocução na construção do discurso persuasivo. Acerca da elocução, enfatiza Ferreira (2010, p. 63):

A maneira mais explícita de fazermos ecoar o poder das palavras está no modo como as empregamos do discurso, na maneira como trabalhamos a *elocutio* (elocução). Em sentido técnico, a elocução é a redação do discurso retórico. Mais do que uma questão estilística, envolve o tratamento da língua em sentido amplo, abrange o plano da expressão e a relação forma e conteúdo: a correção, a clareza, a adequação, a concisão, a elegância, a vivacidade, o bom uso das figuras com valor de argumento.

Dessa maneira, a elocução revela o estilo do orador, que, necessariamente, precisa colocar-se em sintonia com o estilo do seu público. Para alcançar clareza, o orador deve levar em consideração seu auditório, ou seja, o perfil de seu público, pois o que pode ser claro para um grupo letrado pode não o ser para um grupo iletrado.

A *actio* é “a proferição efetiva do discurso, com tudo o que ele pode implicar em termos de efeitos de voz, mímicas e gestos” (REBOUL, 2000, p.44). Ela tem como objetivo atrair a atenção do público e persuadi-lo, pois é por meio dela que o discurso atinge o auditório. É o momento essencial da relação orador e público. Ferreira (2010, p.138-139) pontua esse aspecto interacional da ação, ao dizer que “a *actio* é uma forma particular de interação: orador e auditório estão plenamente envolvidos no processo de transmissão e recepção do discurso num contexto enunciativo-pragmático-interacional”.

Acerca da palavra correspondente à “ação” no grego, podemos destacar as observações feitas por REBOUL (2000, p. 67):

Ação, que em grego é *hypocrisis*, no início, antes de adquirir sentido pejorativo, significava a interpretação do adivinho, depois a interpretação do ator, a ação teatral. Assim como hipócrita, o autor finge sentimentos que não tem, mas sabe disso, e seu público também. Assim também o orador: pode exprimir o que não sente, e sabe disso; mas não pode informar seu público, ou destruiria seu discurso.

Dessa forma, é por meio da *ação* que o orador busca aparentar aquilo que deseja alcançar na persuasão. Para tal finalidade, nessa quarta etapa, o orador se provê dos diversos componentes emotivos da emissão da palavra: a prosódia (entoação da voz), a cinésica (gestos e movimentos corporais) e a proxêmica. (interação com o espaço). É nessa perspectiva que tanto os textos verbais como não verbais podem ser analisados retoricamente.

A *memoria*, como foi dito, é criação dos romanos e pode ser colocada, entre as etapas do processo persuasivo, como anterior à *actio*, pois na tradição dos antigos, o discurso deveria

ser proferido de cor. “Donde a importância da memória (*mnemé*), que para certos autores latinos constituía a quinta parte da retórica: a arte de memorizar o discurso.” (REBOUL, 2000, p.68).

2.5.3 Contribuições das partes do discurso

Voltamo-nos à descrição das partes em que podem ser divididos esses discursos em razão de sua organização e disposição internas. Os antigos dividiam-nas em várias partes. Nesta dissertação, tomamos e analisamos as quatro partes descritas por Reboul (2000, p.55): exórdio, narração, confirmação e peroração.

O *Exórdio* refere-se à introdução de um discurso retórico. Ele deve ser adaptado às circunstâncias do discurso, ao orador e ao auditório, bem como ao assunto tratado e aos eventuais debatedores. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014, p. 561) nos recordam que Aristóteles compara o exórdio ao prólogo e ao prelúdio, parecendo transformá-lo em algo acessório, com significado estético. No caso específico deste trabalho, corresponde ao que o presbítero vai enunciar inicialmente, em cada pergunta, uma vez que se trata de uma entrevista que circula em torno de quatro perguntas. Desse modo, chamamos ato retórico a cada pergunta com sua respectiva resposta, por apresentar as partes constitutivas do sistema retórico.

Contudo, em muitos casos, ele é indispensável para o efeito persuasivo do discurso, pois garante as condições prévias para a argumentação. Sendo assim, enquanto pode ser reduzido e até suprimido quando as condições prévias estão asseguradas, ele se torna indispensável no caso de completar essas condições num determinado ponto, especialmente no que se refere à qualidade do orador, bem como às suas relações com o auditório, ao objeto ou à oportunidade do discurso. De acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014, p. 562-563), o exórdio pode se referir tanto ao assunto que será tratado, quanto ao auditório a que se dirige.

Ao referir-se ao assunto, buscará chamar a atenção para o interesse que este apresenta em função de sua importância, pelo caráter extraordinário, paradoxal, pelo fato de ser menosprezado, incompreendido ou deturpado. Tratar-se-á também da oportunidade do discurso, mostrando por que é o momento de falar, em que as circunstâncias impõem que seja tomada uma posição.

Ao referir-se ao auditório terá como objetivo o estímulo ao seu amor-próprio, falando sobre suas capacidades, seu bom senso e sua boa vontade. Dessa forma, essa parte introdutória do discurso possui, em relação ao auditório, três objetivos: a) obter sua benevolência; b) obter sua atenção; c) torná-lo dócil. A esse respeito, enfatiza Ferreira (2010, p.112):

Para o discurso retórico, não basta que o orador se prepare. O auditório é o foco central e isso nos remete ao *pathos*, pois não há comunicação sem comunhão e nem comunhão sem identificação, sem que sejam suscitadas as paixões e sentimentos do público. Assim, é comum que, no exórdio, o orador já procure estabelecer contato por meio da exortação, do reconhecimento, do receio, da piedade, da frustração, do descaso, da briga explícita contra um adversário declarado, da condição social, da moral, das dificuldades partilhadas, do orgulho, das realizações positivas ou negativas, das vilanias sociais, do justo e do injusto, do belo e do feio, enfim, de uma série de artifícios discursivos iniciais que conduzam a alegria, tristeza, saudade, amor, ódio, ira, cólera, amizade, ciúme... Enfim, às paixões do auditório.

Acreditando nesse aspecto interativo do *exórdio* é que o orador se dedicará à valorização das qualidades que poderiam ser postas em dúvida e cuja ausência prejudicaria sua credibilidade frente ao auditório. Por isso, em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), encontramos o seguinte esclarecimento:

[...] quem é frequentemente acusado de excessiva habilidade, tentará conquistar a confiança do público; quem, por sua condição social, seus interesses, seus antecedentes, for considerado arrogante, alheio ou hostil a seu auditório, começará por desmentir tal suspeita insistindo em sua comunhão com ele. A alusão à amizade entre dois povos, bem como a um fato cultural em comum e a uma citação bem escolhida bastarão para despertar a confiança, demonstrando que há, entre orador e auditório, uma afinidade de valores (PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 2005, p. 562).

A *Narração* dirige-se à exposição dos fatos referentes à causa. Essa exposição é sempre orientada para atender as necessidades da acusação ou da defesa. Portanto, mesmo se não for objetiva, deve aparentar objetividade, já que assinala o partido tomado pelo orador e o ponto de vista que será defendido por ele nas demais partes. Assim, a narração consiste em “uma exposição resolutória que supostamente conquista o auditório para a causa defendida” (MEYER, 2007, p.25), isto é, leva-o a optar pela solução apresentada. Na visão de Reboul (2000, p.56), para que seja eficaz, a narração deve apresentar três qualidades: clareza, brevidade e credibilidade. É nessa parte que o orador poderá colocar as provas, enunciar os fatos e suas causas, dar exemplos e ilustrar o texto por meio de narrativas que ressaltem as

qualidades do objeto em questão. Quanto ao ato retórico analisado neste trabalho, a narração começa quando o presbítero cita as paixões que o conduziram à vida sacerdotal.

A *Confirmação* é a parte mais longa do discurso, composta por um conjunto de provas e por uma refutação. Ela tem por objetivo destruir os argumentos adversários. É importante salientar que a confirmação nem sempre é nitidamente separada da narração, uma vez que o texto se estende em confirmação. Nesta parte, especificamente, o presbítero mostra as razões por que foi conduzido à vida sacerdotal.

Por concentrar as provas, a confirmação é a parte mais densa do discurso. A fim de executá-la, o orador deverá apresentar a capacidade de comprovar o que afirma, pois disso dependerá a credibilidade do argumento. Assim, “ao orador compete ordenar os argumentos em fortes ou fracos e, ao analista, verificar como se dá a apresentação dos argumentos e como contribuem para a persuasão” (FERREIRA, 2010, p.114). De acordo com Meyer (2007, p.25), é por meio da confirmação ou argumentação que se avaliam os prós e os contras, de tal maneira que a resposta proposta seja tomada como a solução adequada.

A *Peroração* é a parte final do discurso e pode ser considerada o ponto culminante da Retórica. Segundo REBOUL (2000, p.60), “é o momento por excelência em que a afetividade se une à argumentação” e, por essa razão, “conclama à ação” (FERREIRA, 2010, p.115). Dada sua relevância, de acordo com Reboul (2000, pp.59-60), a peroração pode ser longa e dividir-se em várias partes: a) ampliação da ideia defendida; b) apelo às paixões; c) recapitulação (anacefaleose) com vistas ao resumo da argumentação.

A peroração conclui e mostra a adequação da solução ao problema submetido a exame. No entanto, “uma conclusão não deve constituir um novo argumento, pois nesse caso não passaria de uma parte a mais, e o discurso careceria de unidade” (REBOUL, 2000, p. 59). No caso do informante (presbítero), sempre aparece um enunciado conclusivo que resume a razão da sua exposição acerca da escolha sacerdotal.

2.5.4 Os modos de argumentar

Os modos de argumentar podem ser representados pela tríade argumentativa que é formada por um *ethos* ligado à imagem que o retor passa de si no discurso, que é destinado a persuadir um determinado público, não correspondendo precisamente à pessoa do retor; por um *pathos*, que, para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014, p.21), por meio dele, “a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao

auditório que procura influenciar”; e, enfim, por um *logos*, objeto teórico, que é posto em discussão. Portanto, a arte de argumentar tem, essencialmente, como meta o discurso persuasivo, e a persuasão para ser atingida.

Para a efetivação do diálogo entre o *ethos* do orador (presbítero) e o *pathos* (sentimentos do auditório) é necessário haver um acordo que acontece, no caso deste trabalho, por um assentimento de presbíteros quando solicitados a participarem da entrevista, por reconhecerem na ação um meio de poder externar sentimentos, emoções e até fatos que talvez nunca tivessem sido revelados. Os presbíteros em si constituem o próprio auditório, eles trocam entre si os papéis discursivos.

As questões da oralidade são contempladas neste trabalho porque o *ethos* do presbítero se manifesta em língua oral, com características ligadas à informalidade, à espontaneidade das ideias e dos sentimentos, o que possibilita haver o processo interativo na relação entre o presbítero entrevistador e o presbítero entrevistado. Debateremos as antigas distinções entre a língua falada e a língua escrita, com afirmativas de que a primeira é planejada; a segunda o seu contrário; aceitamos não haver dicotomia entre essas modalidades de língua, mas um contínuo tipológico que se justifica em dizer que há textos escritos com caracteres da oralidade e vice-versa. Assim, a modalidade de língua utilizada pelos presbíteros aparece calcada por pausas, hesitações, marcadores conversacionais, elementos dêiticos, entre outros, os quais impregnam a esse falar a viabilidade de expressar com clareza as paixões aristotélicas.

2.6 Compreensão das paixões aristotélicas

O ser humano não é meramente racional, atualmente ganha destaque o conceito de inteligência emocional, que destaca o caráter emocional do ser humano. “Alegria, tristeza, raiva, medo e amor são nossas cores emocionais básicas” (ABREU, 2009, p.27). Dessa forma, mesmo dotados de racionalidade para discernir acerca das opções que se manifestam a nossa apreciação, quase sempre somos tomados por emoções/paixões que influenciam nosso juízo. As paixões são despertadas em nós e têm a capacidade de aumentar ou diminuir a nossa simpatia ou adesão em relação a um assunto posto em discussão. Perelman & Olbrecht-Tyteca (2014):

O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão,

de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 2014, p. 50).

O objeto deste trabalho é analisar como as paixões na Retórica aristotélicas podem influenciar na escolha do ministério sacerdotal; como o entrevistado sofre a alteração de seu estado de espírito quando precisa tomar sua decisão. As paixões são “as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 2011, pp.122-123). É importante salientar que essas mudanças se dão de modo transitório e não permanente, caso contrário, tratar-se-ia de vícios e virtudes.

A afirmação de Aristóteles revela que as paixões alteram o estado psicológico daqueles que as sentem, gerando por consequência, alteração em uma concepção a respeito de determinada questão. Desse modo, tal processo é útil à Retórica porque pode direcionar um determinado auditório de acordo com os anseios do orador, em sentido persuasivo. É papel do orador encontrar os meios adequados para despertar as paixões certas, no momento certo, na medida em que elas são tendências, apetites e desejos que podem tanto resistir à razão como atuar conjuntamente com esta; e são naturalmente mutáveis.

Para que um discurso seja capaz de desencadear processos persuasivos, é necessário que a tríade retórica funcione em plena conectividade, ou seja, que os três modos interajam em conjunto, levando à persuasão do auditório: o primeiro modo, o caráter do orador (*ethos*); o segundo, a lógica do assunto (*logos*), e o terceiro, a emoção dos ouvintes (*pathos*).

O foco do presente trabalho reside no terceiro modo, que nos remete ao *pathos*, este como prova artística⁴, que lida com as emoções no âmbito da persuasão. O orador precisa estar atento a três premissas fundamentais em sua relação com o auditório: 1) em que estado de espírito se encontra quem sente determinada paixão; 2) em relação a quem ou a que se sente uma dada paixão; 3) em que circunstâncias tal paixão é evocada. Quando da abordagem de cada paixão, foram observados esses três aspectos.

Assim fundamentado, no Livro II de sua Retórica, Aristóteles apresenta 14 paixões que abrem os horizontes retóricos para quem deseja apresentar uma tese e alcançar a adesão de um auditório. São elas: ira (cólera), calma, amor (amizade), ódio (inimizade), medo

⁴ Aristóteles descreve provas artísticas como as provas que dependem da criação do orador em um discurso persuasivo, em contraposição com as provas inartísticas, que não dependem da criação do orador, em outras palavras, que já estão disponíveis no mundo, como leis, testemunhos e confissões.

(temor), confiança (esperança), vergonha, desvergonha (impudência), favor (amabilidade), compaixão (piedade), indignação, inveja, emulação e desprezo.

2.6.1 Ira (cólera)

Aristóteles define a ira como “um desejo acompanhado de dor que nos incita a exercer vingança explícita devido a algum desprezo manifestado contra nós, ou contra pessoas da nossa convivência, sem haver razão para isso” (ARISTÓTELES, Ret., II, 2, 1378a). Além disso, afirma que “toda ira é acompanhada de certo prazer, resultante da esperança que se tem de uma futura vingança” (ARISTÓTELES, Ret., II, 2, 1378a).

Quanto ao estado de espírito como se encontra quem sente determinada paixão, o autor afirma que quem se encoleriza, habita o estado emocional de vingança, uma vez que a representação mental do ato de vingar-se daquele que nos causa mal, ou aos nossos queridos, traz prazer. O colérico encontra-se nesse estado porque se sente desdenhado, menosprezado, difamado, desvalorizado e ultrajado. Em adição a isso, quando estão tristes, as pessoas se encolerizam, porque quem sente amargura, proveniente da tristeza e deseja algo, tem carência disso.

Em consonância com o ponto anterior, alguém se torna colérico quando outros se opõem a sua ação, decisão ou pensamento, ou seja, quando não pode alcançar o que deseja pela oposição de outrem. Dessa forma, aqueles que estão dispostos pelo discurso a tornarem-se coléricos, são os menosprezados, pois, também se encontram tristes e, ao mesmo tempo, esperançosos em relação ao alcance da vingança.

No tocante a quem ou a que se sente tal paixão, explica-se que quem sente ira, sente tal afecção contra um determinado indivíduo, não contra o homem em geral; sente-a contra o desdenhoso, o ultrajante e o menosprezador. No geral, sentimos cólera contra o indivíduo em particular que nos menospreza. Enfim, nas circunstâncias quando tal paixão é evocada em função de algum agravo que lhe fizeram ou pretendiam fazer, a ele ou a algum dos seus, de acordo com o Estagirita, a circunstância que fundamenta a paixão da cólera é o menosprezo, a diminuição, vista como injusta pelo colérico, de seu valor ou do valor de alguém que lhe é caro.

2.6.2 A calma

Na perspectiva aristotélica, “estar encolerizado é o contrário de estar calmo, e a cólera é o oposto da calma” (ARISTÓTELES, Ret., II, 3, 1380a). Sendo assim, a calma é o contrário da ira (cólera). A calma pode ser definida como um apaziguamento e uma pacificação da cólera. Dessa forma, ela não é apenas o contrário, mas também a solução para a ira, o antídoto da cólera, uma vez que remedeia tal paixão.

O estado de espírito daquele em que se contra tal paixão é acometido pela calma, está disposto nas circunstâncias da felicidade, da esperança, da bem-aventurança e, em geral, todas aquelas disposições contrárias que promovem a cólera, como a paciência e a ausência de dor. Pode-se sintetizar, portanto, os estados de espírito que promovem a calma como a esperança, a felicidade, a ausência de dor, a justiça e a paciência.

Quanto a quem se sente tal paixão aponta aqueles que não menosprezam outrem ou, quando o fazem, fazem-no involuntariamente. As pessoas também se sentem calmas em relação àqueles que se arrependem do mal que cometeram e que mantêm a seriedade ao falar, pois, por consequência, se agem de tal modo, demonstram não desdenhar; além disso, em geral, com os suplicantes e generosos na retribuição de um favor se é calmo.

Por fim, se é calmo quando acredita sofrer uma punição merecida. Ao retomar as discições anteriores, é possível apontar que se sente a calma em relação àqueles que são sérios, sensatos e não menosprezam. Além disso, quanto à circunstância quando tal paixão é evocada, o sujeito acredita não estar passando por um mal imerecido, quando recebe o que lhe é de direito, ou de merecimento, até mesmo quando o que merece é danoso.

2.6.3 A amizade (o amor)

Em Retórica, Aristóteles define a paixão do amor, ou amizade, como “querer para alguém aquilo que pensamos ser uma coisa boa, por causa desse alguém e não por causa de nós” (ARISTÓTELES, Ret., II, 4, 1380b). O estado de espírito daquelas pessoas que sentem tal paixão é explicado por amarem quando se encontram em disposição emocional harmônica, sincrônica, de irmandade, de respeito e de reciprocidade com outrem. Ademais, essas pessoas amam quando prestam favor de forma despreziosa, desinteressada.

A relação a quem se sente tal paixão se explica pelo fato de os que se encontram mutuamente na relação de querer o bem do outro, sentem amor por aqueles que amam e

odeiam o mesmo que nós. É possível sentirmos amor por aqueles que consideram como bens ou males as mesmas coisas que nós. De forma geral, amamos os que demonstram possuir afinidades conosco, ademais, amamos aqueles que são bondosos (conosco ou com os que são amigos) ou que nos valorizam.

Dessa forma, a circunstância quando tal paixão é evocada se refere ao momento quando pensamos lidar com outrem que é recíproco em querer nosso bem, quando lidamos com alguém que o respeita da mesma maneira que respeitamos esse alguém. Ademais, aquele que sente amor, se sente de tal forma quando se encontra em situação de companheirismo, de familiaridade, de parentesco e de qualquer laço sentimental profundo.

2.6.4 A inimizade (o ódio)

A inimizade é descrita por Aristóteles como o contrário do amor. Em comparação com a cólera, o Estagirita aponta que se sente ódio pela classe, não pelo indivíduo. Enquanto na cólera há uma razão pessoal para o seu despertar, no ódio, tal motivação particular não precisa existir, uma vez que ele é mais abrangente do que a cólera, é sentido, portanto, em relação ao homem de forma geral.

Odeiam-se as classes, os tipos, os arquétipos, não o particular, o específico, o único. Sente-se ódio dos ladrões, em geral, pois se o sentimento de pesar é voltado para o homem que praticou dado ato criminoso, o que se sente é cólera. Dessa forma, odeiam-se os políticos corruptos, mas se o desgosto é voltado apenas para um indivíduo, tem-se ira dele em específico, não ódio.

Além disso, é possível também odiar coisas, ao passo que não é possível ter ira (sentir cólera) de coisas, portanto odeiam-se navios, mas não é possível encolerizar-se contra eles. Nas palavras do autor: “A cólera é o desejo de causar desgosto, mas o ódio, o de fazer mal, visto que o colérico quer notar o desgosto causado, enquanto ao que odeia nada importa” (ARISTÓTELES, *Ret.*, II, 4, 1380b). Quem odeia deseja que aquele (ou aquilo) que odeia desapareça, ao passo que quem sente ira deseja que seu desgosto seja provado por aquele que o causa.

O estado de espírito de quem a paixão em destaque aparece, o homem sente ódio quando se encontra em situação de disparidade, adversidade, quando algum tipo apresenta uma visão ou opinião que contradiz seus valores e crenças e, por consequência, tal

contradição lhe faz mal. Além disso, em relação a quem ou a que se sente tal paixão, sente-se inimizade pela classe, pelo estereótipo, pelo arquétipo e não pelo indivíduo, pelo particular.

Dessa maneira, odeiam-se os insensatos, os viciados, os corruptos, os bandidos e todo tipo que se apresenta em desordem com a visão de bem do sujeito que sente tal paixão. Ademais, odeiam-se as coisas que nos causam adversidade e, por consequência, tal adversidade nos causa mal-estar. A circunstância em que tal paixão é evocada, assim como na cólera, é quando o homem se encontra ultrajado, caluniado, menosprezado. A diferença é que tal estado provém de uma concepção acerca de uma classe e não de um indivíduo.

2.6.5 O temor (medo)

De acordo com Aristóteles, o temor pode ser definido como “desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente, ou danoso ou penoso” (ARISTÓTELES, Ret., II, 5, 1381b), é, portanto, o medo e a suposição de que alguma situação danosa, em um futuro próximo, possa nos afligir, ou afligir aqueles que são amigos. Assim como o que acontece com quem odeia, quem teme pode ter medo tanto de pessoas, quanto de coisas, contanto que os males provenientes dessas duas fontes pareçam próximos para quem experiencia tal paixão.

O estado de espírito de quem sente tal paixão se dá porque se espera que algo ruim aconteça, portanto, quem teme, encontra-se em um estado de espírito em que aguarda a má sorte. Quanto a quem ou a que se sente tal paixão, isso acontece a tudo ou todos que apresente (m) risco a nós ou aos que são amigos.

Sente-se temor pelas ações daqueles que estão acima de nossa jurisdição, ou seja, sentimos medo daqueles, ou daquelas coisas, que fogem do nosso controle, cujo poder nos sobrepuja ou cujo destino não nos diz respeito. Assim, teme-se tudo que seja poderoso, inconsequente e imprevisível. A circunstância que evoca tal diz respeito àquele que teme, que sente de tal maneira por sentir-se à mercê de algo ou alguém que tem poder de lhe infligir algum mal.

2.6.6 A confiança (segurança)

Assim como o temor, a confiança (segurança, também descrita como esperança) é acompanhada de expectativa de que exista uma solução a uma possível adversidade iminente. Nas palavras de Aristóteles, a confiança “é o contrário do (temor; o que inspira confiança é o

contrário do) temível, de sorte que a esperança é acompanhada da suposição de que os meios de salvação estão próximos, enquanto os temíveis ou não existem, ou estão distantes” (ARISTÓTELES, Ret., II, 5, 1383a).

O estado de espírito como se encontra quem sente determinada paixão é confiante e acredita ter sido justo, sensato e temerário. Ademais, sente esperança aquele que acredita ser justo e possuir expectativa de que não lhe ocorra algum mal, ou que tal mal possa ser superado. Quanto a quem ou a que sentimos tal paixão, apresentamo-nos diante daqueles que não nos apresentam riscos, ou porque são poderosos e nos querem bem, ou porque são fracos e não nos apresentam adversidade e, também, porque são nossos amigos e nos apreciam.

Além disso, sentimo-nos seguros em relação a um mal que possa ser sobrepujado por nós, pois, nesse caso, possuímos meios de não deixar que tal situação adversa nos traga algum resultado penoso. Em relação às circunstâncias evocadas, tal paixão acontece quando acreditamos estar distantes do temível e próximos dos meios de salvação ou pensamos estar sob o poder daqueles que nos querem bem, ou querem bem aos nossos queridos ou, ainda, quando possuímos artifícios para nos livrar de algum mal.

2.6.7 A vergonha

Como propõe Aristóteles, a vergonha é “certa tristeza ou perturbação com respeito aos vícios presentes, passados ou futuros, que parecem levar a desonra” (ARISTÓTELES, Ret., II, 6, 1383b). Portanto, é válido compreender a vergonha como a paixão que traz desgosto em relação à descoberta por outrem de fatos dos quais não nos orgulhamos. Assim, sentimos vergonha quando alguém tem ciência de uma característica ou fato de nós que não é bem vista (o) socialmente e que, por consequência, pode nos trazer descrédito. Em adição à definição anterior, o autor pontua: “a vergonha é uma representação concernente à má reputação” (ARISTÓTELES, Ret., II, 6, 1383b).

O envergonhado encontra-se de tal maneira por dar crédito à opinião alheia, portanto, quando está em certa disposição de espírito que valoriza o julgamento de outrem, encontra-se passível de ser acometido pela vergonha. Sente-se envergonhado daqueles que são estimados, ou cuja opinião importa, ou que admiram o envergonhado. E enfim, as circunstâncias em que tal paixão é evocada se explicam quando alguma falta nossa, ou daqueles, que são nossos amigos, parece ser desonrosa. Normalmente vícios de caráter são vergonhosos, pois

apresentam um defeito profundo. Portanto, quando qualquer característica nossa que não está de acordo com os padrões sociais aceitáveis é exposta, sentimos vergonha.

2.6.8 A impudência (desvergonha)

Aristóteles define a impudência em comparação com a vergonha e afirma que ela é “certo desdém ou indiferença em relação aos defeitos do presente, passado ou futuro que poderiam causar desonra” (ARISTÓTELES, *Ret.*, II, 6, 1383b).

As pessoas que vivenciam a impudência são aquelas cujo estado de espírito não valoriza a opinião ou julgamento de outrem; assim, quando a concepção do outro sobre nós não nos é cara, somos impudentes. Sentimos impudência por aqueles que não estimamos e, por consequência, não nos importa o que pensam. Assim, somos impudentes contra aqueles cujo estima não nos é cara. O impudente sente tal paixão quando algum defeito de seu caráter, usualmente repreensível socialmente, é exposto, porém, tal fato não desperta sentimento de desgosto proveniente da vergonha. Dessa forma, se não sente vergonha pela exposição de seu defeito, sentirá impudência.

2.6.9 O favor

No capítulo 7 da *Retórica das paixões*, Aristóteles define o favor como “o serviço pelo qual, diz-se, aquele que possui concede ao que tem necessidade, não em troca de alguma coisa, nem com o fim de obter alguma vantagem pessoal, mas no interesse do favorecido” (ARISTÓTELES, *Ret.*, II, 7, 1385a).

O obsequioso sente-se de tal forma por encontrar-se em nesse estado de espírito que possibilita enxergar a necessidade alheia diante de uma adversidade. Sente-se favor pelos que possuem uma necessidade, em especial pelos que possuem uma carência da qual a causa não nos afeta, por dispormos de fartura nesse mesmo aspecto. Portanto, sentimos favor por aqueles que não possuem o que podemos oferecer e tal falta lhes causa desgosto. Enfim, uma vez que o favor é o sentimento de atenção ao outro em necessidade, sente-se favor quando a necessidade alheia apela ao nosso emocional, justamente por dispormos de meios para sanar tal necessidade.

2.6.10 A compaixão

A compaixão é definida por Aristóteles como “pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso, e atinge quem não o merece, mal que poderia esperar sofrer a própria pessoa ou um de seus parentes, e isso quando esse mal parece iminente” (ARISTÓTELES, Ret., II, 8, 1385b). Portanto, a compaixão é uma dor sentida por aqueles que veem outrem sofrer injustamente, quando tal mal poderia também acometê-los. Sente compaixão aquele que está em um estado de espírito que lhe permita sentir empatia pela posição do outro. Dessa forma, por poder imaginar-se na posição do sofredor é que o sujeito sente compaixão.

Além disso, sentimos compaixão por aquele que sofre algum mal que julgamos imerecido, e, ademais, por tal mal ser passível de ocorrência em nossas vidas. No entanto, a pessoa acometida pelo mal não deve ser próxima em laço, como um filho, porque nesse caso, ao invés da compaixão, a emoção despertada seria o terror, e o terror desperta medo.

O sofredor tão pouco deve ser indigno, indecente, pois só se sente compaixão por aqueles que sofrem imerecidamente de algum mal. Quando se compreende que outros sofrem males pelos quais foram injustamente sentenciados. Quando tal mal ocorre na vida daqueles que possuem traços em comum conosco e, justamente por serem equivalentes a nós, compreendemos que tal mal é sofrido imerecidamente.

2.6.11 A indignação

Conforme Aristóteles, a indignação se opõe à compaixão. Sendo assim, ela pode ser compreendida como um sentimento de dor em relação a alguma aclamação, algum sucesso ou alguma fortuna que decorrem contrariamente ao mérito. Dessa forma, indignamo-nos contra aqueles que são felizes sem merecimento, uma vez que “a indignação é sentimento de pesar por quem parece ser feliz imerecidamente” (ARISTÓTELES, Ret., II, 9, 1386b).

O indignado se encontra de tal forma pela suposição de que uma injustiça foi cometida por alguém, ou pelo destino, e tal injustiça conferiu bens que são imerecidos por seu detentor. Assim, sente-se indignação por todos aqueles que não merecem os bens que detém. Quando alguém goza de bens ou sucesso que não deveriam lhe pertencer de acordo com o julgamento daquele que sente indignação.

2.6.12 A inveja

Aristóteles define a inveja em comparação com a indignação da seguinte maneira: “a inveja é também um pesar perturbador ante um sucesso, entretanto não de pessoa indigna, mas igual e semelhante a nós” (ARISTÓTELES, Ret., II, 9, 1386b). O autor continua sua descrição dessa paixão ao afirmar que: “inveja é certo pesar pelo sucesso evidente (...) em relação aos nossos iguais, não visando ao nosso interesse, mas por causa deles” (ARISTÓTELES, Ret., II, 10, 1387b). Portanto, é plausível compreender a inveja como sentimento de dor proveniente de bem possuído por outrem, quando não obtemos também tal bem e, na mesma medida, objetivamos desprover seu detentor de sua posse.

O indivíduo que se sente inferiorizado e diminuído em relação a outrem que considera seu semelhante. Sente-se inveja quando se acredita que o detentor de um bem que nos é caro, e não possuímos, é semelhante a nós em alguma espécie. A circunstância em que ocorre tal paixão diz respeito pode ser explicada quando desejamos que o bem possuído por aquele que se julga semelhante a nós não o possua.

2.6.13 A emulação

No último capítulo de *Retórica das paixões*, Aristóteles define a emulação como “pesar pela presença manifesta de bens valiosos que nos é possível adquirir, sentido com respeito aos que são por natureza nossos semelhantes, não porque esses bens pertencem a um outro, mas porque não nos pertencem também” (ARISTÓTELES, Ret., II, 10, 1388a). A emulação também é chamada por Aristóteles como competição.

Diferentemente da inveja, que é pesar pelo bem detido por outrem, não porque não o possuímos, mas porque outrem possui, a emulação é evocada quando desejamos para nós um bem que outro possui, sem que o outro deixe de possuí-lo. Dessa forma, enquanto a inveja cria a vontade de destruir o bem de outrem, e não necessariamente o adquirir, a emulação nos impulsiona a adquirir o mesmo bem possuído por outrem, com vistas a igualá-lo.

Além disso, o Estagirita descreve a paixão da emulação como “um sentimento digno e próprio de pessoas dignas, enquanto a inveja é vil e peculiar aos espíritos vis” (ARISTÓTELES, Ret., II, 10, 1388b). Em adição à descrição anterior, acrescenta: “um se dispõe, pela emulação, a obter os bens, o outro, pela inveja, a impedir que o próximo os possua” (ARISTÓTELES, Ret., II, 10, 1388a).

O espírito de quem sente tal paixão é de caráter inferiorizado e diminuído em relação a outrem que considera seu semelhante, porém apto a se superar. Assim, sente-se emulação quando se acredita que o detentor de um bem que nos é caro, e não possuímos, é semelhante a nós em alguma espécie. Enfim a circunstância em que tal paixão é evocada se explica quando desejamos que o bem possuído por aquele que julgamos semelhante a nós também seja nosso.

2.6.14 O desprezo

Aristóteles define sua última paixão da *Retórica*, o desprezo, como “o contrário da emulação” (ARISTÓTELES, *Ret.*, II, 10, 1388b). Quem sente tal paixão, sente desprezo e acredita não ter o que invejar/emular, portanto, quem experimenta a falta de ambição, em determinada instância, por já ter obtido tudo o que desejava. Sente-se tal paixão em relação àqueles considerados indignos de nossa emulação ou inveja, por não possuírem nada que seja caro aos nossos olhos. O desprezo acontece quando se acredita estar em tal posição que propicie a plenitude e felicidade, ao passo que nada mais é possível desejar para se alcançar a completude.

Por todas as considerações apontadas em relação à importância e ao advento da Retórica; aos dizeres da Antiga e Nova Retórica; à constituição e leitura do sistema retórico, bem como das partes constitutivas do discurso, além de outras pontuações, tudo agregado à exposição do valor e discernimento das paixões aristotélicas, asseguramos que houve uma tentativa de explicação de todas as paixões: ira (cólera); calma; amor (amizade); ódio (inimizade); medo (temor); confiança (esperança); vergonha; desvergonha (impudência); favor (amabilidade); compaixão (piedade); indignação; inveja; emulação; desprezo. Salientamos que o analista retórico somente poderá visualizar quaisquer dessas paixões em determinado gênero discursivo se se apropriar com acuidade e propriedade desse conhecimento retórico, razão por que um olhar desse analista vai detectar com precisão as paixões predominantes nos atos retóricos de análise, o que pode ser aplicado no gênero discursivo entrevista oral.

3 CAMINHAR FILOSÓFICO PELO *PATHOS*

Neste capítulo da dissertação, buscamos verificar os pontos que se cruzam e mesmo que se sobrepõem entre a Filosofia e a Retórica, no que diz respeito ao *pathos*, tomando dois filósofos como referência para estudos acerca das paixões aristotélicas. Os filósofos que poderiam figurar nessa linha de pensamento são representados por Sócrates, Platão, Aristóteles (Filosofia Antiga); Agostinho e Tomás de Aquino (Idade Média) e Descartes e Hobbes (Filosofia Moderna).

Para este trabalho, foram escolhidos por proximidade temporal apenas Aristóteles cujas paixões já foram descritas e Tomás de Aquino com suas apresentações sobre as paixões a seguir, os quais fornecem os caminhos teóricos acerca da temática estudada.

3.1 Tomás de Aquino: vida e obras

Tomás de Aquino, italiano pelo lado do pai, Landolfo, conde de Aquino, e normando pelo lado da mãe, Teodora, Tomás nasceu em Roccasecca, no sul do Lácio, em 1221. Segundo Reale (2008), Tomás foi expoente entre os escolásticos, verdadeiro gênio metafísico e um dos maiores pensadores de todos os tempos.

Ele elaborou um sistema de saber admirável pela transparência lógica e pela conexão orgânica entre as partes, de índole mais aristotélica do que platônico-agostiniana. Estudou em Nápoles, na universidade recentemente fundada por Frederico II. Foi aí que entrou em contato com a ordem dos dominicanos, muitos dos quais se dedicavam ao estudo e ao ensino universitário. E decidiu ingressar na ordem, atraído pela nova forma de vida religiosa, aberta para as novas instâncias sociais, envolvida no debate cultural e livre de interesses mundanos. Foi discípulo de Alberto Magno em Colônia entre 1248 e 1252, logo mostrou o seu talento especulativo, sendo indicado pelo mestre como professor da Universidade de Paris. Depois de um período parisiense (1256-1259), Tomás andou peregrinando, como era costume dos mestres da ordem dominicana, pelas maiores universidades europeias (Colônia, Bolonha, Roma, Nápoles). A sua maior obra foi a *Summa theologiae* (Suma Teológica), entre outras como *De actibus humanis* (Sobre as ações humanas), *Compendium theologiae* (Compêndio de Teologia), *De substantiis separatis* (Sobre as substâncias separadas), *De aeternitate mundi* (Sobre a eternidade do mundo). Tomás foi surpreendido pela morte aos cinquenta e três anos, em 7 de março de 1274, em Fossanova.

3.2 Contribuição acerca das paixões

Na segunda parte da *Summa Theologiae* – de cunho teológico-moral – Tomás de Aquino considera o homem na perspectiva criatural com relação à sua origem e ao seu fim último. É precisamente esse o desejo do Doutor Angélico mostrar ao homem o seu fim e como chegar até ele, ou seja, com quais meios.

Dedicando-se, porém, a esta tarefa, como verdadeiro sábio, não descarta os obstáculos que o homem deve vencer até poder chegar com segurança à sua meta. As paixões são no homem um desses obstáculos, que ele deverá transpor para chegar ao seu fim. Como sabemos, elas são em si mesmas desprovidas de valoração moral, ou seja, são moralmente neutras e, portanto, podem entrar na composição dos atos bons – pensemos nos atos virtuosos – ou na dos atos maus.

Consideradas neste último sentido é que as paixões são propriamente aquele obstáculo que pode impedir o homem de alcançar a bem-aventurança. Por conseguinte, devem ser submetidas à razão, a fim de que possam ser empregadas somente para as obras do bem, vale dizer, acompanhando e reforçando os atos virtuosos, que consolidam a vontade humana no bem, seu objeto próprio.

Segundo Ferreira (2020, p.16), Tomás concebe que “as paixões se referem ao mal, as desagradáveis, ou ao bem, as agradáveis”. Na perspectiva tomista, as paixões provocam alterações que podem ser nocivas, lamentáveis ou tristes, mas também podem provocar reações boas e saudáveis. A partir da classificação das paixões da alma, Tomás, enumera onze paixões embora com nuances diferentes das de Aristóteles: 1) amor, apreensão de um bem presente; 2) desejo, movimento voltado a um bem futuro; 3) alegria ou gáudio, fruição do bem presente ou sua posse; 4) ódio, apreensão de um mal presente; 5) fuga, distanciamento de um mal futuro; 6) tristeza, quando o mal já está no sujeito; 7) esperança, bem ausente de possível alcance; 8) desespero, bem ausente impossível de ser alcançado; 9) audácia, mal ausente e superável; 10) temor, mal ausente insuperável; 11) ira, mal já sofrido.

As paixões, em Tomás, fazem parte do tratado “*De actibus humanis*” (Sobre as ações humanas). Estes são os atos segundo os quais o homem pode alcançar ou ser impedido de alcançar a bem-aventurança eterna, que se identifica com o seu fim último. Segundo S. Tomás, os atos humanos podem ser de duas espécies: os são chamados “voluntários”, uma vez que são suscitados pela vontade, sendo esta um apetite racional e os chamados

“voluntários imperfeitos”, porque são suscitados pelo apetite sensitivo, com certa apreensão (não propriamente intelectual). Trata-se da apreensão feita pelos sentidos externos e internos. A estes últimos o Angélico chama “*passiones animae*” (paixões da alma).

Antes de passarmos a considerar estas “paixões da alma” devemos esclarecer o que é o “apetite”, a cuja categoria elas pertencem. Pressuposto, porém, ao estudo do apetite é o conhecimento das “potências da alma”, que vamos investigar então em primeiro lugar. No que se refere à terminologia aqui utilizada, consideramos mais conveniente permanecer fiel àquela utilizada pelo próprio S. Tomás e que foi perpetuada pela maioria dos filósofos tomistas. Não ignoramos que os filósofos e psicólogos posteriores a Tomás tenham encontrado novos conceitos para referir-se aos atos humanos e aos estados de ânimo. E muitas vezes conseguiram mesmo ressaltar elementos novos na descrição desses atos, elementos estes desconhecidos dos pensadores medievais, devido ao precário desenvolvimento científico.

Todavia, a terminologia tomista se ergue sobre uma tradição que, em sua maior parte, lança raízes no pensamento grego, mormente em Aristóteles. O termo “*passio*” foi tomado por S. Tomás do grego παθος (= passio; paixão) e tem uma amplidão de significados, que vai desde o simples receber uma qualidade ou impressão ao termo “paixão” no sentido estrito de movimento de uma potência sensitiva da alma que causa mudanças corporais no sujeito.

3.2.1 Classificação das potências da alma

S. Tomás classifica as faculdades da alma segundo as três espécies de “almas” (*animae*) ou, como também podem ser chamadas, os três gêneros de vida: a) as *faculdades vegetativas correspondem à “alma vegetativa”*; b) *as faculdades sensitivas: correspondem à “alma sensitiva”*; c) *as faculdades intelectivas: correspondem à “alma intelectual”*.

Para a nossa pesquisa que visa ao estudo das paixões vamos nos deter na segunda espécie. Quando o Doutor Angélico⁵ reflete acerca das faculdades sensitivas, divide-as em duas espécies, a saber: as *potências cognoscitivas* (sentidos externos e internos) e as *potências apetitivas*, que são as faculdades orgânicas que tendem ao bem enquanto apreendido pelos sentidos; seu objeto é o bem material como tal e enquanto apreendido pelos sentidos (e não o bem universal apreendido pelo intelecto); o apetite sensitivo se divide em duas potências realmente distintas: a) o *apetite concupiscível*, que tende ao bem sensível agradável e fácil de ser alcançado, ao mesmo tempo que evita o mal sensível, uma vez que este, por sua própria

⁵ Referência a Tomás de Aquino.

natureza, se opõe ao bem; b) *o apetite irascível*, que tende ao bem sensível, enquanto árduo e difícil de ser alcançado e se opõe naturalmente ao mal sensível, enquanto árduo e difícil de ser suportado.

3.2.2 Classificação das faculdades apetitivas

O termo apetite vem do latim “*appetitus*” (apetite), que significa ter uma inclinação ou propensão a um fim, a uma direção ou a um objeto, tentar chegar a um lugar qualquer, desejar algo. S. Tomás enumerar três tipos de apetites, a saber: a) *o apetite natural* (chamado também “apetite inato”) é aquela inclinação que segue a natureza de um ente e o faz tender ao seu fim; ele se encontra em todas as coisas. É o único tipo de apetite que possuem os entes que não têm conhecimento; este apetite ou tendência os inclina àquele bem que lhes é conveniente, sendo determinado pela forma que lhes é inerente por natureza.

Todas as criaturas recebem do criador a inclinação própria conveniente à sua natureza. b) *o apetite sensitivo* é chamado por S. Tomás “*sensualitas*” (relativo aos sentidos) e segue o conhecimento proveniente dos sentidos (externos e internos); este, contrariamente ao apetite natural, se encontra somente nos animais racionais e irracionais. c) *o apetite intelectual* se chama também “*voluntas*” (relativo à vontade) e é aquele que segue o conhecimento do intelecto, encontrando-se, portanto, somente nos seres que possuem a faculdade da razão; esta lhes dá a capacidade de discernir o que é agradável do que não é, o que é um bem do que é um mal. A vontade tem como objeto próprio o bem em geral, que é a bem-aventurança para o homem, ou seja, o seu fim último.

A partir da teoria tomista analisada, constatamos que é do apetite sensitivo que emanam as paixões. O apetite sensitivo é de natureza orgânica e, no tender ao seu objeto, causa certa alteração corporal (donde se depreende que o termo “paixão” convém mais propriamente ao ato do apetite sensitivo que aos atos do apetite intelectual); por isso tem como objeto um bem particular e concreto, que lhe é útil ou agradável, sempre, porém, conhecido pelos sentidos externos ou ainda apresentado pelos sentidos internos. É diferente da vontade, que tem como objeto o bem universal, conhecido e apresentado pelo intelecto. Por isso, o apetite sensitivo é apontado como responsável principal pelo surgimento das paixões.

O apetite sensitivo contém duas faculdades especificamente distintas: a) a *faculdade concupiscível* que é aquela tendência voltada ao bem sensível, considerado como conveniente ao sujeito, agradável e de fácil consecução; b) a *faculdade irascível* que é aquele impulso à

“luta”, com o fim de dominar e vencer tudo o que se opõe ao bem conveniente ao sujeito, bem considerado como árduo ou difícil de ser alcançado. Desse modo, se vê que a irascível protege de alguma maneira a concupiscível, porque combate tudo o que vai contra o bem que lhe é conveniente, por isso S. Tomás a chama “defensora” da concupiscível.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, discorreremos acerca do discurso religioso uma vez que o trabalho se insere nesse domínio discursivo, após aparecem considerações acerca do gênero entrevista oral e os aspectos metodológico do trabalho, os quais envolvem a constituição do universo e do *corpus* trabalhado.

4.1 Discurso Religioso

Segundo Orlandi (1996), o discurso religioso é aquele que faz ouvir a voz de Deus ou de seus enviados (profeta, padre, pastor). Ele tem por objetivo convencer a assembleia (auditório) a respeito de uma determinada conduta ou moral, por meio da contundência retórica das ideias, do discurso de autoridade sustentado em alguma obra literária ou em dogmas e da força persuasiva do religioso que o profere.

Desse modo, o discurso religioso (sermão, pregação, prédica), formaliza-se como um discurso dirigido a um auditório acerca de um determinado tema, previamente elaborado, visando à persuasão dos ouvintes. Os gêneros retóricos, conforme Aristóteles (2011), estão classificados em judiciário, deliberativo e epidítico. Quanto à classificação do gênero discurso religioso, pode-se destacar que está inserido no gênero epidítico, porque tem como objetivo censurar, aconselhar.

Em relação ao discurso religioso, pode-se afirmar um desnivelamento ou assimetria na relação entre o locutor e o ouvinte, o primeiro se encontra no plano espiritual (Deus); enquanto o segundo, encontra-se no plano temporal (os adoradores). As duas ordens de mundo são distintas para os sujeitos, e essa ordem é afetada por um valor hierárquico, por uma desigualdade. Deus, o locutor, é imortal, eterno, onipotente. Os seres humanos, os ouvintes, são mortais, efêmeros e finitos.

Segundo Orlandi (1996), a interpretação da palavra de Deus é regulada, por isso os sentidos não podem ser quaisquer sentidos. Desse modo, o discurso religioso tem forte inclinação à monossemia. É mister que o ‘representante’, ou seja, o que se apropria do discurso de Deus não o modifique segundo seus interesses. Ele precisa obedecer às normas reguladoras do texto sagrado, da Igreja e da liturgia.

No discurso religioso, existem as formas da ilusão da reversibilidade.⁶ Essa realidade corresponde ao dualismo: plano humano e plano divino; ordem temporal e ordem espiritual; sujeitos e sujeito; homem e Deus. A ilusão se estabelece na passagem de um plano para outro, podendo ter duas direções: de cima para baixo, isto é, de Deus para os homens, quando Ele compartilha suas propriedades ou dons; de baixo para cima, quando o homem se alça a Deus, mormente, por meio da profecia.

No discurso religioso é possível destacar traços que o constitui, como por exemplo, o uso do *imperativo* e do *vocativo*, próprios do discurso de doutrinação; o uso de *metáforas*, explicitadas por paráfrases que indicam a leitura apropriada para as metáforas utilizadas; uso de citações no *original* (grego, hebraico, latim), traduzidas para a língua vernácula através de *perífrases* extensas e explicativas em que se busca aproveitar o máximo o efeito de sentido advindo da língua original; o uso de *performativos*, verbos em que o ‘dizer’ representa o ‘fazer’; uso de *sintagmas cristalizados*, usadas em orações e funções fáticas. Quanto às unidades textuais, pode-se acrescentar o uso de determinadas formas simbólicas como as parábolas, a utilização de temas, como a efemeridade da vida humana, vida eterna, recompensa pela prática caritativa, entre outros.

O discurso religioso se apresenta com estruturas rígidas quanto aos papéis dos interlocutores (a divindade e os seres humanos). “Os dogmas fé e Deus são intocáveis” (SETZER, 1987, p. 91). Sendo assim, a fé separa os fiéis dos não fiéis. Logo, é o parâmetro pelo qual delimita a comunidade e constitui o escopo do discurso religioso. Segundo Orlandi (1996), o fim do discurso religioso manifesta duas formações características: para os que creem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não creem é uma ameaça.

4.1.1 Funções das Instituições

As instituições fazem uso do discurso religioso com a finalidade de atender suas principais funções. Por isso, considerando-se toda e qualquer instituição, podemos destacar quatro funções: a) *função Pedagógica*: é por meio do discurso que a Igreja garante a catequese, ensinando suas crenças e transmitindo sua legitimidade para prescrever os preceitos destinados a regulamentar os comportamentos e para inferir quando necessário; b)

⁶ Reversibilidade corresponde “a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui. Em minha perspectiva, esses polos, esses lugares (do locutor e do ouvinte), não se definem em sua essência, mas quando referidos ao processo discursivo: um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade” (ORLANDI, 1996, p. 239)

função Simbólica: o discurso religioso possui uma característica própria. O seu simbolismo pode tornar a linguagem opaca para os que não fazem parte do grupo. O discurso serve de suporte para as funções mobilizadora e reparadora. Essa função permeia as demais funções; c) *função mobilizadora*: o discurso que corresponde a essa função busca defender os valores da instituição. É o discurso de ratificação das crenças; d) *função reparadora*: o discurso dessa função é responsável pelo reestabelecimento da ordem quando alguma regra ou norma são quebradas. O reordenamento pode ser efetivado por meio de observações, advertências e através de disciplina ou exclusão. Esse discurso objetiva reafirmar o que foi transmitido na função pedagógica e identificado como problema na função mobilizadora.

4.1.2 O discurso religioso e o auditório

No campo retórico, o auditório é o público-alvo, ou seja, um grupo de indivíduos ou uma única pessoa que um orador pretende persuadir. Logo, toda argumentação está voltada para um auditório. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2020), apresentam três tipos de auditório: o auditório universal que é constituído por toda a humanidade; o auditório particular que pode ser um grupo ou apenas uma única pessoa; e o auditório chamado deliberação consigo mesmo, que é constituído pelo próprio sujeito, quando ele afigura as ações de seus respectivos atos.

A argumentação só será bem-sucedida se o orador conhecer previamente a natureza de seu auditório. É papel do orador se adaptar ao auditório e não o contrário. No tocante ao auditório universal é pertinente destacar que a argumentação precisa convencer toda a humanidade ou pelo menos a maioria desta. Mesmo sabendo que é difícil dizer algo que agrade a todos, ainda, assim, é possível, por meio da argumentação, persuadir a maioria dos ouvintes.

Já o auditório particular, diz respeito a um conjunto limitado de pessoas, voltando-se a atenção para um grupo específico, no caso do discurso religioso, aos fiéis ouvintes de uma determinada instituição religiosa. Conforme Perelman & Olbrechts-Tyteca (2020), o auditório particular, como também o universal, influenciam no discurso, pois os ouvintes analisam como se dá a estrutura e a qualidade da argumentação, além do comportamento do orador.

O discurso religioso (sermão, pregação, prédica) que é ministrado a portas abertas nas denominações religiosas são direcionados para todos quantos estão ali presentes. É algo público e todos podem ouvir, configurando-se, dessa maneira, num auditório universal, por haver um número ilimitado de pessoas. Há de se considerar, segundo Abreu (2009), que os

pontos de vista defendidos no auditório particular também precisam ter relevância no universal, pois prender-se apenas no particular poderá oferecer possíveis inconvenientes, como por exemplo, admitir outras pessoas que não aquelas a que, naquele momento, a argumentação se dirige.

4.1.3 O acordo entre o discurso do orador e seu auditório

Uma argumentação se efetiva à medida que o auditório permanece atento ao discurso do orador. Também é necessário que o retor tenha em mente as possíveis inferências que os interlocutores possam fazer, além do que eles compreendem ou pensam acerca do discurso que lhes é apresentado.

Os oradores realizam seus discursos fundamentados em premissas que podem ou não ser aderidas pelo auditório. Com base na crença dos ouvintes, o orador vai se utilizar das estratégias argumentativas para concretizar a persuasão. Por isso, quanto mais tiver conhecimento de seu auditório, mais chances terá de ser bem-sucedido.

Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2020), a efetivação do acordo entre o orador e o auditório exige alguns elementos essenciais, tais como: fatos e verdades; presunções e valores; hierarquias e lugares. Os fatos representam uma relativização de objetos; as verdades dizem respeito ao relacionamento complexo com sistemas; esses dois termos podem se intercalar, mas também podem se opor. Há, dessa maneira, uma complexidade em defini-los.

As presunções correspondem ao primeiro pensamento, o ponto inicial de uma argumentação, quando o orador seleciona o que vai ser dito naquele momento da proferição; os valores são a base da argumentação e eles podem ser classificados em dois tipos específicos: abstratos e concretos. Para exemplificar os valores abstratos temos a crença, pois é algo que concebemos em nosso interior e acopla nossos sentimentos e paixões; e para os valores concretos, a Igreja.

Conforme Perelman & Olbrechts-Tyteca (2020), o princípio da hierarquização está voltado para a quantidade maior ou menor do que alguma coisa. No entanto, a importância está ligada à estrutura da argumentação não exclusivamente nos valores. A hierarquia tem sentido de superioridade onde algo é maior do que o outro, como, por exemplo, um líder religioso tem a superioridade sobre seus seguidores e/ou adeptos.

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (2020), os lugares dizem respeito aos depósitos, estoques de argumentos. Poder-se-ia afirmar que os lugares são a classificação dos tipos de argumentos, locais virtuais facilmente acessíveis que são invocados quando necessários pelo

orador. Segundo Abreu (2009), há pelo menos seis lugares, a saber: lugar de quantidade; lugar de qualidade; lugar de ordem; lugar de essência; lugar de pessoa e lugar do existente.

Quanto aos lugares de quantidade são aqueles em que qualquer coisa vale mais que outra em função de razões quantitativas. Por exemplo, uma lei, para ser aprovada no Congresso, tem de receber maioria de votos. Em relação aos lugares de qualidade são aqueles em que se valoriza o que é único, raro. Por exemplo, um cão é, de um ponto de vista geral, apenas mais um exemplar da sua espécie, mas, para a criança a quem pertence, é um exemplar único.

Sobre os lugares de ordem são aqueles em que há a superioridade do anterior sobre o posterior, das causas sobre os efeitos, dos princípios sobre as finalidades. Por exemplo, o *podium*, quando dos jogos olímpicos, apresenta o primeiro lugar em nível superior ao segundo e ao terceiro, e o segundo lugar à direita do primeiro, considerada uma posição hierarquicamente superior à esquerda, onde se situa o terceiro lugar.

Já os lugares de essência se referem ao que valorizam os indivíduos como representantes bem caracterizados de uma essência. Por exemplo, um indivíduo para ser pregador precisa ser empático, falar “bem” em público, ter uma vida em retidão moral, ou seja, ele deve representar a essência daquilo que seria um homem íntegro no tocante à religião.

No que se refere aos lugares de pessoas são aqueles em que se afirma a superioridade daquilo que está ligado às pessoas. Por exemplo, um candidato a prefeito pode dizer, que, se for eleito, construirá dez escolas, seu opositor poderá dizer, utilizando o lugar de pessoa, que não construirá escolas. No entanto, procurará dar condições mais humanas ao trabalho do professor, melhores salários, programas de reciclagem etc. dando, dessa forma, preferência à pessoa, não aos tijolos.

Por fim, os lugares do existente são aqueles em que se dá preferência àquilo que já existe, em detrimento daquilo que não existe. Por exemplo, quando o namorado de uma garota diz que no ano seguinte arrumará um novo emprego e que, então, terá condições de financiar um excelente apartamento para poderem se casar, a garota diz, utilizando o lugar do existente, quero saber que tipo de apartamento você é capaz de alugar agora, com o que você tem, para podermos casar em seis meses.

Todos esses lugares da argumentação nos auxiliam no processo interpretativo das paixões, pois, por meio delas, por exemplo, é possível entender por que atribuímos maior

valor às pessoas que aos objetos, de cuja ideia podem surgir explicações acerca da gênese das paixões aristotélicas.

4.2 Considerações acerca do gênero discursivo entrevista oral

Neste trabalho, para tratarmos das paixões dos presbíteros quando do seu ingresso e da sua real decisão pelo ministério sacerdotal, escolhemos o gênero discursivo entrevista oral, por várias razões como: a) elaboração de perguntas claras e objetivas; b) escolha de temáticas simples e ligadas à vida do informante; c) criação de um ambiente tranquilo e sério para facilidade quando da obtenção de respostas contundentes; d) escolha temporal da entrevista a critério do informante, entre outras, o que, com certeza, propiciou a obtenção de um acervo de informações que se prestam à análise das paixões aristotélicas.

Antes de quaisquer considerações acerca do gênero em apreço, a entrevista oral, situamo-nos nos gêneros discursivos propostos por Aristóteles (2011)⁷ que os divide em: deliberativo, demonstrativo e judiciário. Assim, para o primeiro, diz-se que, em uma deliberação, existe a ação de aconselhar ou a de desaconselhar, mesmo que seja essa deliberação de caráter particular ou ainda, quando dirigida a um povo, de interesse público; o segundo (demonstrativo ou epidítico) abrange duas categorias expressas pelo elogio e pela censura; o terceiro (judiciário) volta-se para a acusação e defesa.

Como qualquer ação concreta que realizamos necessita não somente de uma categoria de espaço, mas também de uma de tempo, esses três gêneros propostos por Aristóteles circulam e acontecem em função do tempo, pois para o deliberativo tem-se o futuro, uma vez que qualquer deliberação acontece com perspectivas futuras, em que aparecem as ações de aconselhar ou desaconselhar; para o judiciário, acontece o tempo passado porque fatos acontecidos são submetidos a ações de acusação ou mesmo defesa; enfim, para o demonstrativo, a categoria temporal dominante é o presente, quando se louva ou se censura, muito embora apareçam lembranças do passado e presunções que remetem ao futuro.

Mosca (2001), ao referir-se aos gêneros discursivos de Aristóteles, enfatiza, entre outras categorias, a ética destinada ao gênero judiciário; a epistêmica, com implicações do conhecimento, ao deliberativo; a estética, ao epidítico. Além disso, aparecem diferentes auditórios justificados pelo tipo de discurso utilizado; assim, o juiz e os jurados estão para o

⁷ Apresentamos os gêneros de Aristóteles para que neles busquemos os pontos, as pistas de análise do gênero entrevista oral.

gênero judiciário; a assembleia para o deliberativo e o espectador para o epidítico. Esses gêneros apresentam as suas diversas aplicações, assim apresentadas por Mosca (2001, pp. 33-4), que aparecem resumidamente:

O discurso judiciário: Nos tribunais- utilizado pelo promotor e pelos advogados de defesa/acusação em seus julgamentos. Nos sermões – utilizado por chefes religiosos, acusando ou defendendo comportamento ou atitudes de afiliados ou não à determinada crença religiosa. **O discurso deliberativo:** Documentos políticos em geral, propondo ou desaconselhando a aprovação de projetos de lei, medidas provisórias e outros congêneres. Documentos técnicos com recomendação de consultores, pareceres e outros documentos desse gênero. **O discurso epidítico:** Discursos comemorativos, em ocasiões solenes, geralmente de caráter emotivo, tais como despedidas, entrega de condecorações...Discursos fúnebres, em que se exaltam as virtudes de um falecido estimado ou famoso por seus méritos.

Além dos pontos apresentados por Mosca (2001), aparecem a maneira como cada gênero é avaliado e o uso do argumento tipo utilizado por cada um dos gêneros. Desse modo, o gênero judiciário se volta às caracterizações do justo/injusto, com o uso do entimema (silogismo em que falta ou está subentendida uma premissa); o deliberativo serve-se da caracterização útil/prejudicial, com argumento do exemplo (uso de dados estatísticos) e, finalmente, o epidítico centra-se no belo/feio, exibindo o argumento amplificação (assunto desenvolvido em seus pormenores). O esquema a seguir apresenta explicações de Mosca (2001):

Quadro 1 – Gêneros discursivos com base em Aristóteles

	JUDICIÁRIO	DELIBERATIVO	EPIDÍTICO
FINALIDADE	Acusar / Defender	Aconselhar / Desaconselhar	Elogiar / Censurar
TEMPO	Passado	Futuro	Presente
CATEGORIA	Ética	Epistêmica	Estética
AUDITÓRIO	Juiz / Júris	Assembleia	Espectador
AVALIAÇÃO	Justo / Injusto	Útil / Prejudicial	Belo / Feio
ARGUMENTO	Entimema	Exemplo	Ampliação

FONTE: (MOSCA, 2001, p. 32).

O quadro apresentado por Mosca (2001) acerca dos gêneros discursivos, com base em Aristóteles, nos leva a considerar o gênero com o qual trabalhamos de caráter epidítico pelo fato de os presbíteros entrevistados utilizarem em suas respostas o tempo presente, o que dá vida às suas enunciações, embora façam remissões às suas histórias na época da decisão clerical, com muitos elogios, muitas vezes, às pessoas circundantes que os ajudaram nas suas decisões.

Desse modo, seu auditório é um espectador leitor/auditório para o qual utilizam expressões dosadas pela estética literária, que visam ao belo ou ao feio das situações da vida e apresentam explicações muitas vezes circundantes a fim de persuadir o outro da essência do conteúdo informacional através do qual suas paixões são identificadas e postas à análise da essência do conteúdo transmitido.

4.3 O gênero discursivo entrevista oral

Conforme fora enunciado, o gênero discursivo entrevista oral se encaixa nos ditames do epidítico enunciado por Aristóteles (2011), representativo da Retórica Antiga. Para este trabalho, agregamos a esse autor os postulados de Marcuschi (2008), Schneuwly; Dolz (2004), entre outros da era moderna. Assim, inicialmente, os gêneros para Marcuschi (2008, p.161) “são nossas formas de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero”. Para esse autor os gêneros seguem um *continuum* tipológico de classificação, de forma que há gêneros situados na língua falada e outros na escrita, e aqueles que permeiam as duas modalidades de língua. Assim, o gênero entrevista oral, objeto do trabalho, insere-se nas questões da oralidade, com todas as características pertinentes ao seu emprego e uso nas circunstâncias sociais.

Por outro lado, Schneuwly; Dolz (2004), centrados no uso dos gêneros textuais para o ensino de línguas, consideram que esses gêneros são usados por todas as pessoas em situações comunicativas para o que precisam saber bem empregar socialmente. Dada a sua importância para o ensino, indicaram ações como a de narrar, de relatar, argumentar, expor e descrever ações. Pela especificidade das ações do narrar, considerando que a entrevista feita aos presbíteros está centrada em acontecimentos por eles vividos quanto à sua escolha sacerdotal, inferimos que o gênero entrevista oral passa aqui pela ação do narrar que simboliza expressar o que os conduziu de maneira passional à escolha ministerial.

Para Costa (2009, p. 93), a entrevista é “conversa/conversação entre pessoas em local combinado, para obtenção de esclarecimentos, avaliações, opiniões, etc., como, por exemplo, numa entrevista de emprego”. O autor também trata da entrevista jornalística através da qual são obtidas informações, opiniões e decisões que são buscadas pelo jornalista a fim da divulgação nos meios de comunicação como a imprensa falada, escrita, televisiva e imagética.

O citado gênero apresenta uma multidisciplinaridade, uma vez que aparece na Etnografia, na Sociologia, Comunicação Social, Antropologia, entre outras áreas do

conhecimento. Neste trabalho, assume os caracteres de evento interativo dentro de uma prática socioinstitucional, uma vez que circula entre os atores sociais de uma comunidade religiosa. Acentuamos que Melo Júnior (2021, p.163) refere-se ao gênero entrevista oral como jornalístico, de caráter midiático, materializado sobretudo pela oralidade, por meio do qual são obtidos esclarecimentos, opiniões e avaliações sobre um acontecimento e também um fato ou fenômeno.

Para Erbolato (2008, APUD MELO JÚNIOR, 2021), a entrevista no jornalismo deve apresentar pontos importantes ligados à autenticidade (declarações de fácil interpretação), ao engajamento e às técnicas por parte do entrevistador e à identificação clara da entrevista. Para esse autor, as entrevistas podem ser classificadas quanto à geração do material jornalístico (de rotina e de caracterização), aos entrevistados (pessoal e coletiva) e, finalmente, ao conteúdo (informativas, bibliográficas, de personalidade, entre outros tipos. Desse modo, neste trabalho, seguindo o autor, temos uma entrevista de caracterização, pois é em forma de diálogo; é individual, pois há perguntas de entrevistador e respostas de entrevistado; é exclusiva, pois o interlocutor responde apenas a uma fonte de informação – a entrevista; e, quanto ao conteúdo, a entrevista é biográfica, pois o entrevistador mostra com o seu relato os seus hábitos e anseios, que constituíram o fazer sacerdotal.

Assinalamos o caráter de assimetria evidenciado nesse tipo de entrevista, pois o entrevistado tem o conhecimento da temática e o poder da palavra, cabendo ao entrevistador apenas fazer as perguntas que foram programadas para aquele momento. Apesar de a estrutura ser assim de caráter assimétrico, há todo um processo dialógico, porque os parceiros comunicativos formam um todo enunciativo.

No caso específico da entrevista oral feita a presbíteros, a estrutura da conversação é um pouco maleável, ou melhor, flexível. Os parceiros comunicativos são igualmente da mesma linha enunciativa, assim ambos têm a mesma formação eclesial, dividem as mesmas ideias e compartilham as mesmas dificuldades, talvez mesmo as existenciais. O único elemento que diferencia esses enunciadores é realmente a extensão de permanência no turno, pois um faz as perguntas, e o outro procura respondê-las dentro de um raciocínio lógico e convincente.

Desse modo, com fundamentos dos autores Aristóteles (2011), Schnewly; Dolz (2004), Marcuschi (2008), Costa (2009), Melo Júnior (2021), o gênero discursivo entrevista oral é tomado como uma manifestação discursiva de oradores (presbíteros) por meio da qual revela seus sentimentos, suas construções de vida, além de experiências vividas, em resposta a

perguntas ou tópicos que lhes são formulados para análise e conhecimento do conteúdo passional. Tal definição contempla o que é analisado acerca das paixões sob a orientação aristotélica.

4.4 Aspectos metodológicos

A metodologia desta pesquisa efetiva-se de forma qualitativa, que se explica pelo fato de as ações se darem em processo, e os pesquisadores não terem resultados *a priori*; para esse tipo de pesquisa, o que existe é uma série de questionamentos que vão orientar a execução do problema. Assim, o método apresenta características fenomenológicas, uma vez que a linha descritivo-interpretativa verifica o acontecimento na realidade dos fatos para que o discurso seja verificado dentro do contexto real da sua ocorrência (MOREIRA e CALEFFE, 2008).

Por ser o trabalho de linha qualitativa, não são priorizados dados quantitativos, uma vez que “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 23). O tratamento dos dados tem então uma linha descritiva e interpretativista; a primeira por ser feita a descrição dos fatos e dos fenômenos com o objetivo de interpretá-los; a segunda por proporcionar o entendimento do objeto teórico em estudo e fornecer explicações a seu respeito, uma vez que “descrever é narrar o que acontece; explicar é dizer por que acontece [...] e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los” (RAMPAZZO, 2005, p. 56). Inferimos então que a pesquisa qualitativa se sustenta na descrição, na explicação e na interpretação do objeto teórico. Enfim, “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 23).

Conforme salientamos, a descrição, interpretação e explicação constituem assim a realização da pesquisa qualitativa, a que se encaixa neste trabalho de análise das paixões aristotélicas no ministério sacerdotal, cujos dados são dinâmicos e reais, e os informantes (presbíteros) são pessoas que agem de maneira espontânea, com uma linguagem livre e suscetível à análise das características informais da modalidade oral.

Salientamos que a pesquisa é de natureza aplicada, uma vez que se volta à produção de conhecimentos ligados aos aspectos retóricos, com destaque nos filósofos que se detiveram na análise das paixões e em Aristóteles, mas também ao estudo sistemático dessas paixões emitidas por presbíteros acerca da escolha do ministério sacerdotal. Quanto ao gênero, a pesquisa caracteriza-se como teórica por canalizar para o estudo das paixões de Aristóteles,

bem como da natureza, dos lugares da argumentação, das partes do discurso religioso., entre outros aspectos.

Quanto às fontes de informação, os dados foram coletados e selecionados pelo próprio pesquisador, consistindo em caracterizar as questões, selecionar as temáticas, elaborar uma lista de possíveis informações e proceder à seleção das questões concernentes ao objetivo do trabalho, que consiste em pesquisar as paixões que moveram os presbíteros ao seguimento do ministério sacerdotal. Após todo esse procedimento é que iniciamos o processamento dos dados, para a leitura do objeto teórico. Assim, todas essas ações, que realizamos, caracterizam a pesquisa como primária, centrada nas fontes de informação requeridas.

A pesquisa deste trabalho é de linha explicativa por analisar os elementos retóricos, que viabilizam o conhecimento das paixões dos prebíteros. Nesse sentido, Severino (2007, apud, MELO JUNIOR, p. 258) explica: “esse tipo de pesquisa não apenas registra e analisa os fenômenos estudados, mas ainda procura identificar suas causas, por meio da interpretação viabilizada pelos métodos qualitativos”.

Por fim, quanto aos instrumentos de coleta de dados, o estudo tem por base a observação de caráter individual, não participativa e sistemática; quanto ao primeiro item, o trabalho teve apenas um pesquisador, que elaborou com acuidade as perguntas e procedeu à sua execução; quanto ao segundo caráter (não participativa), o pesquisador observou a realidade, o que contribuiu para a objetividade do trabalho, manteve-se como mero espectador e, finalmente, o último elemento, o caráter de linha sistemática, o pesquisador observa uma convergência de interesses entre o pesquisador (a resposta à pergunta formulada) e o pesquisado (relato sobre suas paixões, de maneira sistemática, sem que houvesse a geração de conflitos entre os participantes da entrevista.

Salientamos ainda que a pesquisa qualitativa se caracteriza por trabalhar um objeto especial, não encontrado ao acaso, mas sistematizado em sua gênese, pois trabalha com o humano como produtor de sentidos nas relações sociais, especificamente, na relação de uma entrevista quando questionado acerca das suas paixões remanescentes. Essa abordagem solicita um cenário em que entram em cena o espaço social, o tempo, as ações dos atores sociais, enfim, todas as ações circundantes do fazer pesquisa. Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50) apresentam as operações da pesquisa qualitativas, quando enunciam:

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. A investigação qualitativa é descritiva. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Os

investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Pelas características apresentadas, quando investigamos um objeto teórico de maneira qualitativa, temos um ambiente natural que é investigado de maneira descritiva, não em forma de produto, mas de processo, com caminhos que partem do particular para o geral (método indutivo). Inferimos ainda que esse tipo investigado dá total ênfase ao significado das ações que são submetidas à análise do que se investiga.

4.4.1. Constituição do universo e do *corpus*

O universo da pesquisa está inserido no domínio discursivo cristão, em que aparecem vários gêneros discursivos como a cerimônia batismal, a reza, a prece, a benção, entre outros gêneros (MARCUSCHI, 2008). O gênero discursivo entrevista oral, objeto deste trabalho, encontra-se nesse domínio, com a definição de gênero proposta por Reboul (2000, p. XIV) como “produção verbal, escrita ou oral que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido”. Desse modo, a entrevista realiza-se na modalidade oral, com implicações persuasivas que se dão por meio de elementos orais e escritos para a persuasão das paixões quando emitidas pelo orador.

Quanto ainda ao universo da pesquisa, fomos encontrá-lo na Província de Alagoas, que é formada por três importantes unidades: a Arquidiocese de Maceió, a Diocese de Penedo e a Diocese de Palmeira dos Índios. Para participar do trabalho, recorreremos a sacerdotes das três Dioceses.

Destacadas as Dioceses, o trabalho se desenvolveu procurando constituir o universo geral da pesquisa, estabelecendo critérios para a escolha dos presbíteros participantes da entrevista, tais como: ser sacerdote jovem (faixa etária: 30 aos 40 anos), sacerdote de meia-idade (faixa etária: 40 aos 50 anos) e sacerdote maduro (faixa etária: 50 aos 65 anos). Desse modo, dois presbíteros de cada faixa etária participaram do trabalho, em um total de seis (06) informantes e, portanto, seis entrevistas; no entanto, para este trabalho foram retiradas duas entrevistas para análise dos seus atos retóricos.

Cada entrevista correspondeu a quatro perguntas, quais sejam: a) Quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal? b) Quais os desafios e as facilidades teve que enfrentar em seu ministério sacerdotal? c) Como o senhor fortalece o seu ministério

sacerdotal? e d) Como o Senhor descreve os êxitos e os possíveis fracassos no ministério sacerdotal?

Salientamos que cada entrevista apresenta 4 perguntas com 4 respostas, constituindo cada par de pergunta e resposta um ato retórico, em um total de 8 atos retóricos. Cada ato retórico exhibe claramente o seu sistema retórico (invenção, disposição, elocução e ação). Destacamos para o olhar nos atos retóricos, as contribuições de Aristóteles (2011), Abreu (2009), Fiorin (2017), Ferreira (2010), Meyer (2007), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), Reboul (2000), Santos (2018), entre outros.

Ainda em relação às entrevistas, salientamos que foram transcritas, conforme as normas previstas por Preti (2004), Santos, Dikson e Morais (2014), e Marcuschi (2008). O olhar metodológico, de caráter indutivo, foi baseado na própria teoria estudada, análise retórica, segundo a qual os dados orais foram obtidos, transcritos, descritos, interpretados e analisados a partir das categorias provindas da Antiga Retórica.

Atentamos ainda para a análise retórica de Leach (2002) e de Mateus (2018): o primeiro exhibe pontos que são retomados pelo segundo, ambos se amalgamam na execução analítica do *corpus* do ministério sacerdotal. Desse modo, quanto às orientações propostas por Leach (2002), aparecem, em primeiro lugar, considerações acerca do orador, no sentido de o analista retórico verificar quais as configurações imaginárias do *ethos* desse orador a fim de proceder às ações persuasivas; a seguir, aparece o discurso, que, no caso específico deste trabalho, refere as manifestações explicativas do questionamento feito pelo orador 1 (presbítero entrevistador) acerca das paixões aristotélicas. Evidenciamos que as performances orais “têm uma característica própria: seu público é próximo e, de algum modo, mais identificável.” (LEACH, 2002, p. 300).

Em prosseguimento, na linha de Leach (2002), o analista retórico deve ter em mente a situação contextualizada do que foi enunciado pelo orador. Naturalmente, o discurso desse orador deve ter como foco o seu auditório, os leitores da entrevista, após a transcrição dos dados orais. Nesse momento, institui-se a tríade argumentativa de Aristóteles, o *ethos* do orador (caráter moral do orador), o *logos* (discurso propriamente dito) e o *pathos* (conjunto de sentimentos e paixões despertados no auditório) em um inter-relacionamento que se explica pelo fato de a preença de um requerer a dos outros, o que indica um amálgama entre os modos de argumentar no dizer das paixões aristotélicas.

Desse modo, realmente a análise retórica se inspira nos elementos persuasivos, quais sejam: o *logos*, o *pathos* e o *ethos* (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002). Com certeza, uma

análise retórica que não contemple esses elementos será insuficiente em seus objetivos e talvez não consiga chegar a lugar algum em seus objetivos pretendidos.

Na disposição retórica e analítica de Mateus (2018), os principais elementos que constituem a dinâmica retórica são representados pela motivação, exposição, pelo leitor, pelo constrangimento e autor. Esses elementos vão constituir as pistas de análise das entrevistas feitas aos presbíteros (orador 2) acerca das suas paixões quando no ingresso no ministério sacerdotal; os citados elementos aparecem referenciados neste trabalho.

Quanto à motivação argumentativa, esta responde em si a uma interpelação prévia, com situações ligadas ou aos valores defendidos por quem os declara, ou aos acontecimentos e aspectos de caráter profissional. Desse modo, os presbíteros foram instigados a apontar, pela motivação recebida (pergunta clara e objetiva), as suas paixões dentro de uma linha de pensamento do ministério sacerdotal. Ainda nessa esteira de dinâmica retórica, aparece a exposição, que se caracteriza principalmente por ser o objeto de análise com argumentos preparados e comparações realizadas. Nesse sentido, Mateus (2018, p. 192) assim enuncia:

A exposição ou discurso retórico é, propriamente, o objecto da análise. É aqui que se concentram todas as atenções de forma a descobrir as estratégias persuasivas utilizadas (incluindo a escolha lexical, uso de figuras de estilo, construções frásicas, etc), e de que maneira cada argumento ou elemento retórico se conjuga no objectivo maior que, como já observámos, é gerar a adesão do auditório.

No prosseguimento das categorias da leitura retórica, aparece o leitor (o próprio auditório), que medeia as relações interativas provindas do orador e do conteúdo a transmitir. Assim, é o próprio leitor quem faz o balanceamento na transmissão das informações uma vez que o orador em sua consciência deve conhecer para quem se dirige e com qual finalidade. O orador deverá referir determinados assuntos com pertinência e plausibilidade se certamente tiver em mente a constituição do seu auditório.

Quanto aos constrangimentos apontados na análise retórica, estes dizem respeito às limitações que podem ser envolvidas no processo argumentativo, pois os oradores (presbítero entrevistador e presbítero entrevistado, ambos respectivamente orador 1 e orador 2) portam experiências diferentes, seguindo vários valores e perspectivas. Além desses constrangimentos que acompanham as ações retóricas quando da proferição do discurso pelo orador, há o espaço, no ato retórico, para a presença do orador, que tem papel fundamental nas manifestações argumentativas da linguagem, pois existem ações por ele tomadas que são concernentes a uma posição profissional, que muitas vezes diverge da sua própria

representação. É o *ethos* do orador (caráter do orador) que se mostra adaptável a quaisquer momentos e circunstâncias para a realização do ato retórico.

Feitas as considerações acerca das categorias analíticas em Leach (2002) e Mateus (2018), o quadro a seguir mostra como se apresentam as duas posições e como o demonstrativo de uma está contido na outra.

Quadro 2 – Posições e seu demonstrativo

Leach (2002)	Mateus (2018)
Ethos	Autor (orador) Constrangimentos
Logos	Exposição
Pathos	Leitor (Auditório) Motivação

Fonte: Categorias de análise em Leach (2002) e Mateus (2018).

Se observarmos as posições de Leach (2002) e Mateus (2018), verificamos que o primeiro circula na tríade argumentativa de Aristóteles (*ethos*, *logos* e *pathos*); o segundo circula nas mesmas categorias, acrescentado-se os constrangimentos para o *ethos* do orador e motivação para o *pathos* do orador 1 ou orador 2, papéis reversíveis.. Com base nessas categorias, selecionamos para este trabalho duas entrevistas, cada uma com quatro atos retóricos (respostas às perguntas). Assim, temos entrevista 1 com quatro atos retóricos, assim procedendo em relação à entrevista 2.

4.5 Análise da primeira entrevista

A entrevista oral realizada com os presbíteros abrangeu quatro perguntas anteriormente citadas, as quais com as respectivas respostas foram chamadas de atos retóricos⁸. Assim, o primeiro ato retórico corresponde a um todo formado pela pergunta 1 e resposta 1, e assim sucessivamente. Aparecem a seguir as análises referentes a cada ato retórico.

4.5.1 Análise do primeiro ato retórico (entrevista 1)

O primeiro ato retórico é formado pela primeira pergunta: **Quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal?**, com sua respectiva resposta a seguir transcrita.

⁸ Neste trabalho, cada ato retórico corresponde a uma pergunta feita pelo orador 1 ao orador 2 com a resposta deste; os atos retóricos perfazem um total de 8 (oito).

Temos então o Orador 1 para o padre entrevistador, que faz a pergunta e Orador 2 para o padre, que responde ao questionamento.

Orador 1: Quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal?

Orador 2: então... que assim agradecer né... ao padre X por poder colaborar de algum modo com o seu trabalho... então... pra(=para mim) também é uma satisfação' né... então... quais as razões mais profundas eu digo que elas vão ganhando é:: expressão com um tempo' né... logo no início em minha... história vocacional eu aprendi a:: a me admirar da figura sacerdotal' né... então o meu vigário é:: monsenhor Guimarães exercia um papel muito dinâmico na paróquia e também na diocese e era um homem de muita expressão' e eu percebia todo esforço dele de:: conduzir uma paróquia que era imensa com dimensões imensas' pra o senhor ter ideia cinco municípios e:: uma vez é:: eu me senti chamado a participar do grupo dos acólitos até por um convite dele... na minha primeira comunhão eu era pequeno acho que criança ainda com uns... oito anos mais ou menos... e comecei a me aproximar da figura do sacerdote do padre' né... sendo como acólito e vendo todo o seu empenho.... toda a sua... a sua é:: o seu compromisso sua vida em favor dos outros... então eu diria que o que me chamou atenção em primeiro lugar a razão é... maior era de uma pessoa dedicada aos outros... o padre era uma pessoa dedicada aos outros. o padre parecia não ter tempo pra si não ter tempo é:: é para sua privacidade digamos assim, era um homem doado, então essa ideia esse pensamento não mais testemunho acho que a palavra certa é esse testemunho de uma pessoa que dedica toda a sua vida em favor dos outros... e isso foi me chamando atenção fui crescendo vendo tudo isso e:: depois fui para os encontros vocacionais' fui me envolvendo mais na vida da paróquia... em grupos de jovens e ficou pra mim essa marca' ter uma vida doada' uma vida em favor dos outros. fiz também experiência de trabalhos' fiz várias é:: experiências na vida' mas ficava pra mim essa vida doada... quando eu entrei no seminário é claro que isso foi ganhando conteúdo... não só existencial' mas conteúdo teológico né... a gente começou a perceber que esta vida doada encontra em Cristo o seu modelo maior... então ai é:: a gente começou a descobrir que o próprio Jesus que é o modelo de todo o sacerdócio' é:: viveu um sacerdócio existencial muito profundo né... ele mesmo se sacrificou' assim... doando-se inteiramente fazendo-se próximo dos outros' mas essa proximidade de serviço aos outros ganhou razão maior na cruz' a:: cruz foi o exemplar digamos de doação foi a:: culminância de uma vida doada... então... pra (=para mim) o sacerdócio passa por aí' as razões passam pela cruz do senhor... ou seja ter uma vida entregue em obediência à vontade do pai em favor dos outros' o mistério da cruz é uma razão digamos a fonte da vida sacerdotal tá ai... né... conceber uma existência em um sacerdócio onde o amor é tão exigente ao ponto de querer dar entregar a vida inteira em favor dos outros para elevar ao mundo a boa nova da salvação...

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 1º Ato Retórico.

O ato retórico 1 se inicia com uma pergunta feita pelo Orador 1 ao Orador 2; este , com a motivação recebida acerca das razões que o conduziram ao ministério sacerdotal,

discorre sobre o assunto proposto, muitas vezes se constringendo para não expor algum assunto sobre o qual não se sentiria à vontade na sua exposição. O Orador 2 presume obviamente o seu auditório para o qual se dirige com um discurso que pode ser pautado por meios argumentativos com o uso de uma língua informal na modalidade falada, com expressões linguísticas para a explicação das paixões aristotélicas. Essas pontuações acontecem na ‘invenção’, parte inicial do ato retórico.

Os meios argumentativos utilizados pelo Orador 2 como maneira para expor seus sentimentos, seu próprio perfil e suas ideias, por serem expressos em uma linguagem informal, de caráter oral, apresentam marcas representadas por pausas, por prolongamentos de vogais, muitas vezes por repetições, características da modalidade falada.

Outro ponto importante neste ato retórico é a forma indutiva como o *ethos* do Orador 1 enuncia a sua constituição como ser social no ministério sacerdotal, pois, primeiramente, ele surge *chamado a participar do grupo dos acólitos*, depois, face a tudo isso, foi *para os encontros vocacionais*, envolvendo-se assim na paróquia e em grupos de jovens. Enfim, depois de muita reflexão, descobre mesmo a vida do *sacerdócio onde o amor é tão exigente ao ponto de querer entregar a vida inteira em favor dos outros para elevar ao mundo a boa nova da salvação*. Essa constituição indutiva do *ethos*, que é prestativo, generoso e atuante nos conduz ao método indutivo do trabalho, segundo o qual partimos das partes para o todo, a fim de persuadir o outro do que expomos.

Em todo esse contexto de linguagem oral, na própria ‘disposição’ (ordenação das paixões) do ato retórico, o *ethos* do Orador 2 se apresenta com a paixão da emulação no fragmento: *... no início em minha... história vocacional eu aprendi a::: a me admirar da figura sacerdotal’ né... então o meu vigário é::: monsenhor Guimarães exercia um papel muito dinâmico na paróquia e também na diocese e era um homem de muita expressão*, pois com essas expressões do Orador 2, percebemos a sua admiração ao monsenhor Guimarães pela sua notável expressão na paróquia e na Diocese. O sacerdote é inspirado a almejar àquilo que já detinha o Monsenhor, ou seja, ser padre. Na perspectiva aristotélica, a emulação é evocada quando desejamos para nós um bem que outro possui, sem que o outro deixe de possuí-lo; essa paixão nos impulsiona a adquirir o mesmo bem possuído pelo outro com vistas a nos tornarmos iguais.

A seguir, visualizamos a paixão da amizade (amor), no fragmento *::: eu me senti chamado a participar do grupo dos acólitos até por um convite dele... na minha primeira comunhão eu era pequeno acho que criança ainda com uns... oito anos mais ou menos... e*

comecei a me aproximar da figura do sacerdote do padre, pois o Orador 2 manifesta, ao sentir-se chamado a participar do grupo de acólitos, uma disposição de adesão a uma causa que lhe proporcionava afinidade. Segundo o pensamento aristotélico, essa paixão é evocada quando se acredita estar em relação de afinidade, familiaridade com quaisquer laços que nos propiciem o zelo.

Prosseguindo ainda, uma vez que as paixões vêm à tona quando o *ethos* do Orador 2 (compreensivo, atuante e apreciativo) é solicitado a falar sobre seu íntimo vocacional, ainda aparecem duas paixões: a do favor e a da confiança (segurança). A primeira se revela quando o *ethos* assim se expressa, ao referir-se ao padre que o motivara; ... *o padre parecia não ter tempo pra si não ter tempo é:: é para sua privacidade digamos assim, era um homem doado, então essa ideia esse pensamento não mais testemunho acho que a palavra certa é esse testemunho de uma pessoa que dedica toda a sua vida em favor dos outros... e isso foi me chamando atenção fui crescendo vendo tudo isso e:: depois fui para os encontros vocacionais fui me envolvendo mais na vida da paróquia... em grupos de jovens e ficou pra mim essa marca ter uma vida doada uma vida em favor dos outros*. Pelo fragmento, observamos que o *ethos* do Orador 2 (prestativo, solícito e compassivo) enfatiza ter ficado essa marca nele: uma vida capaz de se colocar a serviço de quem passa necessidade. Na concepção aristotélica, essa paixão é suscitada quando a necessidade alheia apela ao nosso emocional por dispormos de meios para saná-la.

Enfim, a confiança é revelada pelas palavras expressas: *quando eu entrei no seminário é claro que isso foi ganhando conteúdo... não só existencial' mas conteúdo teológico né... a gente começou a perceber que esta vida doada encontra em Cristo o seu modelo maior... então aí é:: a gente começou a descobrir que o próprio Jesus que é o modelo de todo o sacerdócio é:: viveu um sacerdócio existencial muito profundo né... ele mesmo se sacrificou assim... doando-se inteiramente fazendo-se próximo dos outros mas essa proximidade de serviço aos outros ganhou razão maior na cruz*. Nessas expressões, o Orador 2 manifesta um *ethos* da paixão confiança (segurança), pois evidencia que, depois de entrar no seminário, fez uma experiência mais profunda que lhe permitiu colocar Cristo como maior exemplo de sua vida, e ainda, sua maior segurança.

Pela análise feita, foi possível perceber que o ato retórico é um todo formado pelo *ethé* dos oradores 2 e 1, seus presentimentos e sua motivação e pelo auditório, pela exposição do discurso que envolve os meios argumentativos que foram expressos na modalidade de língua oral, o que confere a esse discurso sua informalidade. No bojo de todo esse arcabouço teórico, são sustentadas as paixões aristotélicas como a emulação, amizade, favor, amor, as quais

ratificam a escolha sacerdotal pelo ministério da igreja havendo o momento da ‘elocução’ quando o orador 2 responde às questões; efetiva-se a ‘ação’ pois esse orador deseja atingir seu auditório.

4.5.2 Análise do segundo ato retórico (entrevista1)

A segunda pergunta diz respeito aos desafios e às facilidades que o presbítero teve que enfrentar em seu ministério sacerdotal. Essa pergunta feita pelo Orador 1 serviu como motivação para que o orador 2 expusesse seus argumentos a fim de persuadir o Orador 1 do sentido das suas manifestações verbais. A pergunta foi a seguinte: “Quais foram os desafios e as facilidades também manifestadas quando da decisão propriamente do ministério sacerdotal”, cuja resposta se manifesta baseada nas considerações a seguir.

Orador 1: Quais foram os desafios e as facilidades também manifestadas’ quando da decisão propriamente do ministério sacerdotal?

Orador 2: Então... no início do percurso vocacional eu tive... primeiro desafio foi com relação a minha própria família... minha mãe era assim... mais próxima da igreja ela frequentava a missa foi ela quem me incentivou também’ a minha avó’ mas... quando assim eu decidi entrar no seminário o meu pai não era muito favorável... porque não era muito favorável’ né... porque ele percebia que eu trabalhava como auxiliar no banco do brasil’ menor auxiliar... e tinha em vista uma carreira que então ele:: era um tempo em que eu deveria deixar o banco do brasil ou fazer um concurso interno para me tornar é::: bancário... né... ai ele naquela situação diria foi alguém que me questionou meu filho você vai deixar essa oportunidade’’ e quando ele me viu decidido de deixar o banco do brasil e abraçar o projeto do seminário... ai ele fez a última cartada’ disse eu vou arrumar um emprego pra você na usina... ai eu disse não pai... eu na verdade eu não estou saindo do banco porque não estou insatisfeito com o banco não... eu estou saindo do banco porque eu quero abraçar outro projeto na vida... eu quero ser padre e:: até que ele assim com muita dificuldade aceitou e:: eu entrei na vida do seminário... então uma das dificuldades foi essa no início... né... as facilidades eu diria eu tive a graça de entrar inicialmente num seminário arquidiocesano de Maceió que foi uma exigência muito boa... mas depois eu fui para um outro estado pra (=para) a Paraíba era uma outra realidade eclesial... um outro estilo de formação... um estilo de formação que acreditava muito na liberdade digamos assim é::: do formando como aquele que é::: auto formador no sentido de tem formadores como seus colaboradores... mas é o espírito santo que forma na medida que você vai se deixando conduzindo sua própria vida... então... uma experiência de uma formação muito dialogada... uma formação muito... é::: digamos até no campo das ideias muito aberta e isso acho que favoreceu o meu crescimento vocacional e também intelectual....

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 2º Ato Retórico.

O segundo ato retórico, da mesma forma que o anterior, evidencia sempre um *ethos* do Orador 2 com características de ser destemido, benevolente, decidido e amável, o qual se sentiu motivado a sair de si, despojar-se de assuntos ligados a uma escala temporal muito anterior à atual, ao início do seu despertar para o exercício sacerdotal, para discorrer acerca dos desafios e das facilidades encontrados no percorrer do seu caminho ministerial. Assim, na ‘invenção’ pode fazer confabulações acerca do auditório, que certamente vai entender o que foi narrado. Desse modo, constrói sua linguagem e injeta nela uma série de elementos retóricos para tentar rapidamente conseguir persuadir esse auditório.

Na própria construção das ideias (disposição), o caminhar interpretativo se dá de maneira muito intuitiva, pois o orador 2, em primeiro lugar, mostra como se deu inicialmente o seu desabrochar sacerdotal, quando diz: *no início do percurso vocacional eu tive... primeiro desafio foi com relação a minha própria família... minha mãe era assim... mais próxima da igreja ela frequentava a missa foi ela quem me incentivou também’ a minha avó’ mas... quando assim eu decidi entrar no seminário o meu pai não era muito favorável... e aí vai discorrendo intuitivamente quando se refere à sua entrada no Seminário de Maceió e ao da Paraíba, deixando entender que o primeiro era mais fechado em seu funcionamento; o segundo tinha um caráter dialógico; é um transcorrer em que as paixões vão se constituindo.*

Como a entrevista é oral, também se repetem os elementos da oralidade, o que empresta à linguagem do Orador 2 um estilo informal, acessível e receptível por parte do Orador 1. Assim, com a junção de todos os elementos encontrados neste questionamento, o Orador 2 mostra um *ethos* que deixa em sua manifestação discursiva transparecer (elocução) a paixão aristotélica denominada confiança (segurança), o que pode ser evidenciado no fragmento: *Então... no início do percurso vocacional eu tive... primeiro desafio foi com relação a minha própria família... minha mãe era assim... mais próxima da igreja ela frequentava a missa foi ela quem me incentivou também’ a minha avó’ mas... quando assim eu decidi entrar no seminário o meu pai não era muito favorável... porque não era muito favorável’ né... porque ele percebia que eu trabalhava como auxiliar no Banco do Brasil’ menor auxiliar... e tinha em vista uma carreira que então ele:: Inferimos que lhe importava menos ser bem-sucedido profissionalmente, mas acreditar/confiar que ser padre seria sua realização de vida, sua felicidade (ação).*

4.5.3 Análise do terceiro ato retórico (entrevista 1)

O terceiro ato retórico diz respeito à situação de fortalecimento do ministério sacerdotal para o que foi feita a seguinte pergunta: “como o senhor fortalece o seu ministério sacerdotal?” A resposta à pergunta bem como sua consonância temática foi o que analisamos neste trabalho.

Orador 1: Como o senhor fortalece o seu ministério sacerdotal?

Orador 2: então...uma das coisas que... que me faz sempre voltar a experiência sacerdotal é:: a:: a atitude de escuta e aqui de um modo muito amplo' escuta antes de tudo a Deus na oração... na meditação da palavra de Deus enquanto você se prepara' por exemplo' para as homilias que eu acredito que é um dos... dos desafios assim... maiores da vida do padre... ou.. um dos serviços que ele realiza' o serviço da palavra e você se confronta com a palavra de Deus e se coloca como discípulo como aquele que escuta aquela palavra é antes minha né... dirigida a mim melhor dizendo.. é antes dirige a mim do que ao:: povo de deus então a experiência da escuta da palavra de Deus... da oração e:: é claro a experiência da escuta também da realidade... da vida' do sofrimento das pessoas' dos anseios das pessoas' das conquis// porque o padre é uma pessoa muito... é:: procurada e... assim pelos outros para abrir o seu coração' nós de algum modo né... temos o privilégio de escutar coisas que as vezes um psicólogo não escuta' um médico não escuta' mas o padre escuta e isso que também é:: se transforma em apelo de Deus na vida da gente que as pessoas vivem assim e o modo que elas respondem... aos seus próprios desafios na vida também nos encoraja como sacerdotes.... e também nos reafirma naquela missão de viver para os outros...

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 3º Ato Retórico.

No terceiro ato retórico, aparece o orador 2 cujo *ethos*, sempre explicativo, experiente e cordial vai explicar o seu caminhar com Deus para um auditório, que certamente poderá dispor da mesma afinidade temática (invenção). Nesse sentido, a exposição das ideias pelo orador 2 é concebida como o espaço em que são detectadas as várias leituras das paixões aristotélicas.

Todas as construções persuasivas permitem que o orador 2 diga (disposição e elocução), de maneira pausada, a sua experiência como padre em: *claro a experiência da escuta também da realidade... da vida' do sofrimento das pessoas' dos anseios das pessoas' das conquis//porque o padre é uma pessoa muito... é:: procurada e... assim pelos outros para abrir o seu coração' nós de algum modo né... temos o privilégio de escutar coisas que as vezes um psicólogo não escuta' um médico não escuta' mas o padre escuta e isso que também é:: se transforma em apelo de Deus na vida da gente....* Com essas expressões do Orador 2, detectamos duas paixões: a compaixão e o favor. Em relação à compaixão, percebe-

se que ela aflora no Orador 2 quando ele se coloca na escuta das pessoas em seus sofrimentos e desafios; quanto ao favor, o sacerdote deixa emergir tal sentimento à medida em que ratifica uma vida doada aos outros; nisso acontece a ‘ação’, que foi a proferição do discurso.

4.5.4 Análise do quarto ato retórico (entrevista 1)

O quarto ato retórico se desenvolve com a mesma retórica argumentativa, isto é, há o orador 2 que se posiciona quanto aos possíveis fracassos e êxitos do seu seguimento de vida sacerdotal, para o que foi questionado com a seguinte pergunta feita pelo Orador 1: “Como o senhor descreve os êxitos e os possíveis fracassos no ministério sacerdotal”? Há toda uma tarefa em organizar os meios de argumentar para defender o ponto de vista pontuado por esse orador.

Orador 1: Como o senhor descreve os êxitos e os possíveis fracassos no ministério sacerdotal?

Orador 2: bem os êxitos eu diria assim..... é:::: a gente não consegue quantifica-los... até porque eles não são é:: só nossos os êxitos na vida sacerdotal eles são acompanhados é claro sempre de um sentido espiritual’ é cristo que tudo realiza’ mas é o povo que também participa o padre não é nunca o padre só no exercício assim de sua missão inclusive os frutos da missão... o que ele faz como facilitador’ como servo’ como instrumento’ na verdade é:: os frutos’ são... não são dele’ são... são da igreja’ então nesse sentido eu vejo é:: que a gente compartilha né... no êxito pastoral... ou êxito na vida dos sacramentos... né... não tem como você é:: medir o êxito de uma... bastava uma confissão na vida que você ouviu um penitente que chegou pra você chorando ou quase decidido a:::: a retirar a sua vida... não sei’ desistir da vida... e depois da confissão você é:: vê-lo sorrindo e saindo com um... pouco de esperança... é um êxito que você não consegue ((risos)) medir e ao mesmo tempo você não consegue dizer olha foi por causa de mim... não foi não fui eu quem fiz isso.. foi Deus que realizou tudo né... agora os limites as decepções eu diria que o padre é ao mesmo tempo um homem de multidões como eu disse a você..., mas ao mesmo tempo é um homem só... né... nem sempre é fácil lidar com a solidão na vida né... você participa da vida de todo mundo... mas de algum modo:: as pessoas não participam da sua vida não... as vezes não tem um espaço de partilha ou de:: é::: dividir assim angústias... sofrimentos... e você se vê muitas vezes uma pessoa sozinha mesmo tendo que está com muita gente... e lhe dar com essa solidão... nem sempre é:: nem sempre é sempre fácil...

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 4º Ato Retórico.

Quanto ao discorrer dos enunciados para esclarecer a ideia (invenção), foi interessante observar o sentido de oposição quando o *ethos* do Orador 2 se refere a si mesmo, em seu ministério sacerdotal, ao discorrer sobre a sua vida com os outros, a vida em comunhão com

Deus e para os outros, quando enuncia: *eu diria que o padre é ao mesmo tempo um homem de multidões ...; em oposição ao enunciado opositor, o padre é um homem só... né... nem sempre é fácil lidar com a solidão na vida.* O orador 2 evidencia um *ethos* solidário, em convívio com os outros e também sozinho, quase sempre não disposto a lidar com os problemas.

Quanto ao encadeamento (disposição) de tudo o que foi explicado para a explicação das paixões, observamos em: *não tem como você é::: medir o êxito de uma... bastava uma confissão na vida que você ouviu um penitente que chegou pra você chorando ou quase decidido a::: a retirar a sua vida... não sei' desistir da vida... e depois da confissão você é::: vê-lo sorrindo e saindo com um... pouco de esperança... é um êxito que você não consegue ((risos)) medir e ao mesmo tempo você não consegue dizer olha foi por causa de mim... não foi não fui eu quem fiz isso.. foi Deus que realizou tudo né..., a paixão confiança (segurança), pois o Orador 2 revela um *ethos* que conseguiu mensurar a grandeza do sacramento da confissão e, ainda, reconhecer que não é mérito seu a regeneração espiritual, fruto desse sacramento, o que o faz remeter a Deus tal poder. Segundo Aristóteles, “a confiança é acompanhada da suposição de que os meios de salvação estão próximos” (ARISTÓTELES, Ret., II, 5, 1383a).*

Associada à paixão descrita, o Orador 2 apresenta-se temeroso e reconhecido, quando enuncia: *como eu disse a você.... mas ao mesmo tempo é um homem só... né... nem sempre é fácil lidar com a solidão na vida né... você participa da vida de todo mundo... mas de algum modo::: as pessoas não participam da sua vida não... às vezes não tem um espaço de partilha ou de:: é::: dividir assim angústias... sofrimentos... e você se vê muitas vezes uma pessoa sozinho mesmo tendo que está com muita gente... e lhe dar com essa solidão... nem sempre é:: nem sempre é sempre fácil..., deixando aflorar a paixão denominada temor (medo). Na perspectiva aristotélica, o medo corresponde a tudo aquilo que pode nos causar mal. Todo esse percurso vai indicar as etapas da ‘elocução’ (que é a organização do texto oral) e a ‘ação’ (que é o discurso proferido).*

4.6 Demonstrativo das paixões nos atos retóricos (entrevista 1)

Neste trabalho, tomamos como foco de análise, a ideia de que as paixões não surgem por acaso, mas dentro de aspectos contextuais que fazem aflorar os diversos tipos de paixões aristotélicas. A tabela a seguir mostra como as paixões circularam nos enunciados do *ethos* do

entrevistado (Orador 2) e suas devidas formulações retóricas, nos quatro atos retóricos da entrevista 1.

Tabela 1 – As paixões e a circulação da formulação retórica

ATOS RETÓRICOS	PAIXÕES	LINGUAGEM INFORMAL
PRIMEIRO	Emulação; Amizade (amor); Favor e Confiança (Segurança)	Língua falada
SEGUNDO	Confiança (Segurança)	Língua falada
TERCEIRO	Compaixão e Favor	Língua falada
QUARTO	Confiança (Segurança) e Temor (Medo)	Língua falada

Fonte: elaborada pelo pesquisador, 2023.

Pelas análises feitas, observamos que as paixões aristotélicas encontradas no Orador 2, que se apresenta como entrevistado em destaque condizem realmente com as situações contextuais em que está inserido. Essas paixões não foram etiquetadas previamente; foi feito todo um percurso interpretativo das respostas concedidas pelo entrevistado com o envolvimento das próprias paixões aristotélicas. Desse modo, o entrevistado se expressa evidenciando: de um lado, as paixões favor, emulação, amizade, Confiança, Compaixão; por outro a paixão denominada temor.

4.6 Análise da segunda entrevista

A análise a seguir percorre a interpretação de quatro perguntas com suas respectivas respostas feitas pelo Orador 1 (entrevistador) ao Orador 2 (entrevistado) em que são especificadas e explicadas quais as verdadeiras paixões que conduziram o presbítero ao sacerdócio.

4.6.1 Análise do primeiro ato retórico (entrevista 2)

A análise do primeiro ato retórico se refere às razões que conduziram os presbíteros ao exercício sacerdotal, com a seguinte pergunta: quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal?

Orador 1: Quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal?

Orador 2: bom desde... jovem... desde criança que eu pensava' mas ai a prática pastoral do padre já idoso na minha paróquia' é::: não estimulava muito né... pois já tinha mais de cinquenta anos de ordenação então era aquela prática as vezes muito é:: rígida e segundo hoje pensando desnecessária de acompanhamento... e então eu ficava assim meio assustado com medo de levar um puxão de orelha do padre' mas trazia no coração já esse desejo esse pensamento.... e porque'' porque eu sentia assim realmente essa... dimensão do chamado né.... Deus havia chamado me escolhido' tinha medo... assim uma certa insegurança por conta né... que eu estava ai com dez' quinze até os dez' quinze anos essa insegurança e ali fui também aproveitando pra trabalhar essas dificuldades né... pela oração e sobretudo depois com os padres que chegaram na paróquia a questão vocacional.... mas assim desde cedo pensando atender esse chamado' também todo engajamento na comunidade' toda a experiência... de fé na ação da catequese' do trabalho com o grupo naquele tempo com o grupo mini jovem com os adolescentes... então ali tinha uma liderança que me fazia pensar' porque não ser padre né'' então as experiências de família' havia os testemunhos dos mais velhos da família que falavam de vocação que falavam dos padres... então tudo isso estimulava esse tipo de pensamento que eu só fui revelar mesmo depois quando chegou o tempo dos encontros vocacionais' mas eu diria teve essa influência familiar... essa influência na comunidade a minha prática religiosa e esse sentimento de que deveria chamar... acolher o chamado de nosso senhor...

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 1º Ato Retórico (entrevista 2).

A resposta ao primeiro questionamento da entrevista “quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal?” é dada pelo entrevistado (Orador 2) com um discorrer (invenção) acerca do surgimento da sua vocação desde jovem, passando pelo necessário discernimento, até chegar ao ponto de decisão pela vocação sacerdotal.

Desse modo, constatamos que o *ethos* do Orador 2 na parte da ‘disposição’, meio receoso, temeroso, portanto inseguro para a prática pastoral, uma vez que inicialmente assistia às ações rígidas de um pároco de faixa etária avançada, as quais o deixavam assustado e indeciso em suas iniciativas. Depreendemos no texto a paixão do medo em ... e então eu ficava assim meio assustado com medo de levar um puxão de orelha do padre' mas trazia no coração já esse desejo esse pensamento... entendida como: “desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente, ou danoso ou penoso” (ARISTÓTELES, Ret., II, 5,1381b).

Além disso, no prosseguimento em externar seus sentimentos percebemos haver outra paixão, a chamada insegurança obviamente o contrário da descrita por Aristóteles, a segurança. Essa paixão se encontra no fragmento *assim uma certa insegurança por conta né... que eu estava ai com dez' quinze até os dez' quinze anos essa insegurança*” interpretada pelo fato de revelar um *ethos* inseguro, indeciso e impreciso na sua decisão, pois já havia algum tempo nesse estado.

A seguir, o entrevistado revela como gostava de apreciar a liderança dos padres à frente da comunidade, e isso o levava a refletir acerca da possibilidade de ser sacerdote (elocução e ação). Desse modo, pelo fato de admirar as virtudes no outro, querendo-as para si sem as aniquilar em função do outro, encontramos a paixão da emulação em: *então as experiências de família' havia os testemunhos dos mais velhos da família que falavam de vocação que falavam dos padres... então tudo isso estimulava esse tipo de pensamento que eu só fui revelar mesmo depois quando chegou o tempo dos encontros vocacionais.*

4.6.2 Análise do segundo ato retórico (entrevista 2)

O segundo ato retórico remete aos desafios e às facilidades encontradas pelo presbítero quando da sua decisão pelo ministério sacerdotal. É o momento em que aparece a seguinte pergunta: Quais foram os desafios e as facilidades também manifestadas quando da decisão propriamente do ministério sacerdotal?

Orador 1: Quais foram os desafios e as facilidades também manifestadas quando da decisão propriamente do ministério sacerdotal?

Orador 2 é:: eu acho que o maior desafio... era enfrentar... é:: aquilo que eu já tinha dito dos medos e da insegurança' porque mesmo sabendo ai vinha aquela sensação de impotência... uma das preocupações acho que vai tocar ainda era justamente o que é que eu vou falar" o que é que eu vou dizer ao povo" como eu vou me posicionar" como ser essa presença de liderança" então isso eu diria até assim até um certo ponto claro me deixava um pouco inseguro... facilidade. isso foi o que foi me ajudando a corrigir justamente essa insegurança' foram os mestres' os professores, o exemplo de tantos padres que ao longo da formação foram ajudando' na direção espiritual' as disciplinas naquele tempo né que tinham outras disciplinas' por exemplo a psicologia da formação onde se trabalhava mais essas questões da vida sacerdotal... e o testemunho de padres que haviam dedicado e se dedicam ainda ao ministério. então a fidelidade dos outros foi me estimulando a entender que eu podia também dá uma resposta consciente e fiel é:: a nosso senhor.

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 2º Ato Retórico (entrevista 2).

No segundo ato retórico, o *ethos* do Orador 2 (entrevistado) ratifica (invenção) o seu estado de medo e insegurança, pois isso era seu maior desafio quando do ingresso na vida sacerdotal. A comprovação disso (disposição) aparece em *eu acho que o maior desafio... era enfrentar... é:: aquilo que eu já tinha dito dos medos e da insegurança' porque mesmo sabendo ai vinha aquela sensação de impotência*, continuada em várias das suas manifestações verbais *o que é que eu vou falar o que é que eu vou dizer ao povo como eu vou me posicionar como ser essa presença de liderança*"; isso se constitui a 'elocução'.

Para sair do estágio de medo e insegurança o entrevistado começou a observar o proceder de mestres, professores e padres que, direta ou indiretamente eram para ele espelho da vitória. Neles estava a vitória almejada, pois enxergava bens alcançados por outrem que poderiam ser obtidos também por ele por meio da paixão da emulação. Isso está explícito no fragmento *o testemunho de padres que haviam dedicado e se dedicam ainda ao ministério... então a fidelidade dos outros foi me estimulando a entender que eu podia também dá uma resposta consciente e fiel é:: a nosso senhor*; efetiva-se a 'ação'.

4.6.3 Análise do terceiro ato retórico (entrevista 2)

O terceiro ato retórico da entrevista 2 nos remete aos hábitos e às atitudes do presbítero quanto ao fortalecimento de seu ministério sacerdotal. Isso se obteve por meio da seguinte pergunta: Como o senhor fortalece o seu ministério sacerdotal?

Orador 1: Como o senhor fortalece o seu ministério sacerdotal?"

Orador 2: é:: há uma prática constante é aquela dos sacramentos né... confissão' a própria celebração do mistério da eucaristia' a vivência pra realizar os sacramentos' os sacramentais com espírito de fé' entendendo realmente a dimensão do apostolado não como um fazer para os outros mais fazer de verdade e viver realmente aquele mistério e aquele sentido é:: da nossa entrega de cada dia' viver a eucaristia viver aquela alegria de poder participar da vida das famílias... isso enche de esperança e de alegria porque nem sempre é fácil a rotina... né... então além disso a vida de oração' a direção espiritual' que eu tento me manter fiel não... mas com aquela frequência do seminário porque a gente tinha mais facilidade o diretor vinha até a gente não deixava faltar né... e até tinha o padre Celso que não esperava a gente procurá-lo né... mais ai eu tento... vou fazendo com certa frequência essa presença' esse acompanhamento da direção espiritual' da oração... o retiro' além daquele retiro do clero eu procuro fazer sempre o meu dia de descanso' meu dia de silêncio' meu dia de oração' alguns exagerados dizem assim é o dia de bicho... pra gente dormir o que quer' rezar o que quer... comer o que quer né... então é um dia mais assim normalmente é aquela folga da segunda' mas que não é um dia inútil espiritualmente... então são essas práticas e depois assim... a convivência com as famílias a boa amizade com as pessoas que aqui trabalhando no seminário essa convivência com os seminaristas né... eu trabalho na formação... então a gente vai tudo isso convivendo... aprendendo" ensinando e se renovando....

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 3º Ato Retórico (entrevista 2).

Neste ato retórico, o entrevistado nos mostra a sua prática enquanto presbítero (invenção), a qual se explica pelo exercício dos sacramentos e pela experiência da fé vivenciada junto à comunidade. Observamos nisso (disposição) presença da paixão aristotélica nomeada amor, conforme demonstra o fragmento: *é:: há uma prática constante é aquela dos sacramentos né... confissão' a própria celebração do mistério da eucaristia' a vivência pra realizar os sacramentos' os sacramentais com espírito de fé' entendendo*

realmente a dimensão do apostolado não como um fazer para os outros mais fazer de verdade e viver realmente aquele mistério e aquele sentido é:: da nossa entrega de cada dia' viver a eucaristia viver aquela alegria de poder participar da vida das famílias.

Segundo Aristóteles (2011, p. 69), a paixão do amor se caracteriza como “querer para alguém aquilo que pensamos ser uma coisa boa...”, o que significa que o próprio entrevistado executa seu labor com dedicação, esmero e amor, encontrando-se nas suas ações o sentido da vida. Ainda, nesse ato retórico, notamos que o entrevistado enfrenta as dificuldades por que passa no exercício de seu sacerdócio demonstrando um *ethos* paciente, calmo e resiliente por tomar determinadas ações como: participar de retiro, conviver com a família, descansar e rezar, entre outras ações encontradas no fragmento *além daquele retiro do clero eu procuro fazer sempre o meu dia de descanso' meu dia de silêncio' meu dia de oração' alguns exagerados dizem assim é o dia de bicho... pra gente dormir o que quer' rezar o que quer... comer o que quer né... então é um dia mais assim normalmente é aquela folga da segunda' mas que não é um dia inútil espiritualmente.* Nesse contexto de ações (elocução e ação) evidencia-se a paixão aristotélica denominada calma, “o apaziguamento e/ou pacificação da cólera” (ARISTÓTELES, Ret., II, 2,1378a).

4.6.4 Análise do quarto ato retórico (entrevista 2)

O quarto ato retórico da entrevista 2 nos remete à descrição dos êxitos e dos possíveis fracassos que possam acontecer no exercício do ministério sacerdotal, com o auxílio da pergunta: “Como o senhor descreve os êxitos e os possíveis fracassos no ministério sacerdotal?” para a qual o entrevistado lhe forneceu uma resposta.

Orador 1: Como o senhor descreve os êxitos e os possíveis fracassos no ministério sacerdotal?”

Orador 2: é né... êxito além de ser agrado de Deus eu vejo sempre como aquele esforço humano de cooperar com a bondade de Deus... é uma questão da organização..... da preparação’ é:: da articulação’ então cuidar’ por exemplo’ dessa preparação no nível de... da participação dos fiéis’ assumindo a minha responsabilidade..... mas delegando também as responsabilidades.....além já falei dessa preparação eu não sei se eu vou falar eu não sei se eu vou dar uma formação preparar’ cuidar pra que não seja feitode.... de qualquer jeito.....então o empenho’ o amor’ tudo isso favorece o êxito’ e aí é bom porque a gente vê o retorno’ né... ou seja. terminamos uma formação’ o trabalho a gente ver como foi bom’ como valeu apena’ como foi bom ter se dedicado’ como tem frutos quando a gente se abre realmente é:: e se dispõe.....as dificuldades às vezes é um pouco assim da teimosia as vezes de achar que vai que pode fazer só que desse jeito dá não dá tempo escutar e ai depois a gente percebe que não deu muito certo que poderia ter partilhado melhor as atribuições’ confiou na pessoa errada né... ai vem as pequenas decepções é:: as incompreensões e tudo isso é::: tira um pouco dessa motivação’ mas também tem o seu aprendizado né a gente aprende

Fonte: *Corpus* do pesquisador – 4º Ato Retórico (entrevista 2).

O quarto ato retórico relacionado a êxitos e fracassos no exercício do ministério sacerdotal exhibe, em sua manifestação verbal (invenção) inicial um entrevistado portador de um *ethos* amoroso, confiante em Deus e responsável em suas ações. A evidência disso (disposição) se encontra em *êxito além de ser agrado de Deus eu vejo sempre como aquele esforço humano de cooperar com a bondade de Deus... é uma questão da organização. da preparação é:: da articulação então cuidar por exemplo dessa preparação no nível de da participação dos fiéis assumindo a minha responsabilidade...*

O entrevistado inicialmente exhibe uma paixão aristotélica denominada amor, pois ele tudo faz para realizar um bem maior em nome do Senhor quando diz *então o empenho o amor tudo isso favorece o êxito e aí é bom porque a gente vê o retorno... terminamos uma formação. o trabalho a gente ver como foi bom como valeu a pena como foi bom*. Embora o entrevistado se mostre pautado pela paixão do amor, deixa transparecer que em suas atividades pastorais, não consegue partilhar ações com outrem por confiar em si mesmo em uma pretensa atitude de autossuficiência.

Isso se revela (elocução e ação) em *as dificuldades às vezes é um pouco assim da teimosia as vezes de achar que vai que pode fazer só que desse jeito dá não dá tempo escutar e ai depois a gente percebe que não deu muito certo. que poderia ter partilhado melhor as atribuições confiou na pessoa errada né... ai vem as pequenas decepções.... é:: as*

incompreensões e tudo isso é::: tira um pouco dessa motivação mas também tem o seu aprendizado né... a gente aprende. Trata-se da paixão aristotélica da confiança entendida como “a expectativa de que exista uma solução a uma possível adversidade iminente” (ARISTÓTELES, Ret., II, 5,1383a).

4.7 Demonstrativo das paixões nos atos retóricos (entrevista 2)

As paixões aristotélicas, neste trabalho, não aparecem de maneira aleatória, mas relacionadas ao contexto em que vivem o entrevistador e entrevistado. A tabela a seguir mostra como as paixões circularam nos enunciados do *ethos* do entrevistado (Orador 2) e suas devidas formulações retóricas, nos quatro atos retóricos da entrevista 2.

Tabela 2 – As paixões e a circulação da formulação retórica

ATOS RETÓRICOS	PAIXÕES	LINGUAGEM INFORMAL
PRIMEIRO	Medo e Segurança	Língua falada
SEGUNDO	Medo e Emulação	Língua falada
TERCEIRO	Amor e Calma	Língua falada
QUARTO	Amor e Confiança	Língua falada

Fonte: elaborada pelo pesquisador, 2023.

Por meio das análises feitas, na entrevista 2, as paixões que mais afloraram, foram o medo e o amor, pois em todo discernimento há sempre momentos de insegurança e medo, bem como de encantamento pelo exercício pastoral que nos direciona ao amor. Além dessas paixões, foram detectadas, ainda, as paixões da segurança (expectativa diante de uma adversidade iminente), emulação (bens visualizados em outrem com possibilidade de alcance) e calma (apaziguamento da cólera).

4.7.1 Síntese das paixões em atos retóricos (Entrevistas 1 e 2)

Após análise dos oito atos retóricos, das entrevistas 1 e 2, apresentamos a seguir as paixões aristotélicas, reunidas na tabela 3. São essas paixões consideradas as manifestações verbais dos dois entrevistados (Oradores 1 e 2) com revelações de um *ethos* ao tempo que é confiante, amável e calmo, é também temeroso no percurso do seu ministério sacerdotal.

Tabela 3 – Síntese das paixões em atos retóricas (Entrevistas)

ATOS RETÓRICOS	PAIXÕES	LINGUAGEM INFORMAL
PRIMEIRO	Emulação; Amizade; Favor, Confiança e Medo	Língua falada
SEGUNDO	Confiança, Medo e Emulação	Língua falada
TERCEIRO	Compaixão, Favor, Amor e Calma	Língua falada
QUARTO	Confiança, Temor e Amor	Língua falada

Fonte: elaborada pelo pesquisador, 2023.

Ao observarmos a tabela 3, inferimos que os entrevistados em situações contextuais, quando interrogados acerca de suas vivências, seu percurso e sua carreira sacerdotal, assim o fazem impregnando as paixões convenientes às sensações fomentadas nos próprios questionamentos.

Desse modo, as paixões da confiança, emulação, amor e favor foram as mais constantes, visto que elas revelam o **amor** pelo ministério sacerdotal, acrescido da **confiança** em um ser supremo e nos humanos; da **emulação** pelo desejo de espelhar-se positivamente em outros e do **favor** pelo desvelamento em benefício dos outros.

Paralelas às paixões citadas, dada a incompletude humana, os entrevistados mergulham na paixão da **compaixão** (apiedar-se pelo outro), do **medo** (amedrontar-se diante do infortúnio) e do **temor** (receio de bons ou maus acontecimentos); tudo isso justifica dizer que ora o *ethos* do entrevistado se mostra confiante, amável, prestativo, disponível, ora é temeroso, medroso e compassivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do estudo dos atos retóricos, a Retórica surge como a arte de persuadir pelo discurso, portando em seu bojo, desde a sua gênese, o postulado que defende haver um discurso que provém de um orador, que tem o que dizer para aquele que o escuta; isso é representado pelos modos de persuadir, a chamada tríade argumentativa, nomeada por um *ethos*, *logos* e *pathos*, que sempre agem em construção para que o sentido comunicativo-persuasivo seja instaurado. Assim, à luz da importância dessa tríade, neste trabalho, fizemos um percurso por categorias que permitem o entendimento do sentido que circula entre *ethos* e *pathos*, como a definição da Retórica, do sistema retórico, além de outras com base nos fundamentos tanto da Retórica Antiga como da Nova Retórica.

Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho foi o estudo das paixões aristotélicas, razão por que fizemos considerações em um momento acerca de Aristóteles e São Tomás de Aquino, em outro momento, completando o circuito analítico, apareceram Sócrates e Platão (Filosofia Antiga) e Agostinho (Idade Média).

Aristóteles (Idade Antiga) e Tomás de Aquino (Idade Média) possuem entre si reflexões e pontuações acerca das paixões. Apesar das contribuições de Aquino, na Idade Média, fixamos em Aristóteles da Idade Antiga. Como o ato retórico se constrói com as pontuações de outros teóricos, buscamos da Nova Retórica: Abreu (2009), Ferreira (2010, 2020), Mateus (2018), Meyer (2007), Mosca (2001), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), Reboul (2000), entre outros, que subsidiaram as diversas interpretações dos atos retóricos que existem em cada entrevista analisada.

O gênero utilizado foi a entrevista oral, considerado como o que melhor se adapta ao objetivo principal deste trabalho. Foram feitas seis (06) entrevistas e analisadas apenas 02 (duas) com presbíteros, escolhidos por faixa etária. As perguntas suscitaram respostas que conduziram à obtenção de uma leitura das paixões de Aristóteles, as quais aparecem em oito atos retóricos (4 atos retóricos por entrevista), considerando o ato retórico como a forma argumentativa que se obteve pela elaboração de uma pergunta com sua respectiva resposta.

Desse modo, as perguntas que nortearam o trabalho dizem respeito a como as paixões aristotélicas podem e puderam ser tidas como elementos persuasivo-motivacionais que justificariam ou explicariam a escolha sacerdotal dos entrevistados. Além disso, este trabalho também buscou identificar, após as análises, as principais paixões identificadas no *corpus* da pesquisa.

Para o primeiro questionamento, inferimos que os presbíteros são realmente impulsionados por paixões que os atingem, sensibilizam nas decisões das suas ações, iniciativas e dos seus planejamentos de vida. A Retórica realmente se presta à persuasão do auditório e com essa possibilidade, conseguimos encontrar as paixões da confiança, emulação, amor e favor como as mais constantes, havendo ainda a paixão da compaixão, do medo e temor.

Salientamos que as paixões que emanam das elocuições dos presbíteros não foram previamente etiquetadas, isto é, nomeadas em primeiro lugar; interpretamos todo o percurso discursivo que envolve os elementos contextuais de que participam os presbíteros. Com as duas entrevistas escolhidas para análise, inferimos que as paixões aristotélicas que aparecem no discurso dos presbíteros com certeza vão também aparecer em outros ministérios, o que assegura a importância de o trabalho poder estudar e ser aplicado em outros caminhos profissionais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13. Ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução, introdução e notas de Ísis Borges Belchior da Fonseca. Prefácio de Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEZERRA, Benedito Gomes. **A palavra de Deus na palavra humana: gênero, preconceito e tradução da bíblia à luz da linguística**. São Paulo: Pá de Palavra, 2019.

BOGDAN, Roberto C.; BKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 15. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. ; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e Persuasão: princípios de análise Retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Luiz Antônio (Org.). **Artimanhas do dizer: retórica, oratória e eloquência**. São Paulo: Blucher, 2017.

FERREIRA, Luiz Antônio (Org.). **Inteligência retórica: o pathos**. São Paulo: Blucher, 2020.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.

FIGUEIREDO, Maria Flávia et al. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**, Franca (SP), v. 5, n. 5, p. 129-153, jan./dez. 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. **O que é retórica**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2002.

LEACH, Joan. Análise retórica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua, linguística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEUS, Samuel. **Introdução à Retórica no séc. XXI**. Covilhã-Portugal: LabCom.IFP, 2018.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1985.

MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de. **Relações assimétricas e simétricas no gênero discursivo entrevista oral no radiojornalismo alagoano**, tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2021.

MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (Orgs.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 2. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001.

PERELMAN, Chaïn; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1997.

PLATÃO. **Górgias**. Introdução, tradução do Grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. 4. Ed. Lisboa: Edições 70, 2000.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REALE, G., **História da Filosofia Grega e Romana**. Vol. IV. Aristóteles. Tradução de H. C. de Lima Vaz e M. Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira; DIKSON, Dennys; MORAIS, Eduardo Pantaleão de. Interfaces com a análise da conversação: olhares diversos em teorias imbricadas. Maceió, AL: EDUFAL, 2014.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **As marcas retórico-críticas no gênero editorial**. Curitiba/PR: Appris, 2018.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Severino Pedro da. **Homilética**: o pregador e o sermão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias, 1992.

SOUSA, Américo De. **A persuasão**. Covilhã/Portugal: Universidade da Beira Interior, 2001.

SOUZA, Severino dos Ramos de. **Homilética**: a eloquência da pregação. Curitiba/PR: A. D. Santos, 1999 [1959].

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE I: (ENTREVISTA 1)

ENTREVISTA PADRE MENETE (Aqui os falantes vão ser descritos por Orador 1 e Orador 2)

Orador 1: Quais as razões que o conduziram ao ministério sacerdotal?

Orador 2: então... que assim agradecer né... ao padre Jackson' por poder colaborar de algum modo com o seu trabalho... então... pra(=para mim) também é uma satisfação' né... então... quais as razões mais profundas eu digo que elas vão ganhando é:: expressão com um tempo' né... logo no início em minha... história vocacional eu aprendi a:: a me admirar da figura sacerdotal' né... então o meu vigário é:: monsenhor Guimarães exercia um papel muito dinâmico na paróquia e também na diocese e era um homem de muita expressão' e eu percebia todo esforço dele de:: conduzir uma paróquia que era imensa com dimensões imensas' pra o senhor ter ideia cinco municípios e:: uma vez é:: eu me senti chamado a participar do grupo dos acólitos até por um convite dele... na minha primeira comunhão eu era pequeno acho que criança ainda com uns... oito anos mais ou menos... e comecei a me aproximar da figura do sacerdote do padre' né... sendo como acólito e vendo todo o seu empenho... toda a sua... a sua é:: o seu compromisso sua vida em favor dos outros... então eu diria que o que me chamou atenção em primeiro lugar a razão é... maior era de uma pessoa dedicada aos outros... o padre era uma pessoa dedicada aos outros. o padre parecia não ter tempo pra si não ter tempo é:: é para sua privacidade digamos assim, era um homem doado, então essa ideia esse pensamento não mais testemunho acho que a palavra certa é esse testemunho de uma pessoa que dedica toda a sua vida em favor dos outros... e isso foi me chamando atenção fui crescendo vendo tudo isso e:: depois fui para os encontros vocacionais' fui me envolvendo mais na vida da paróquia... em grupos de jovens e ficou pra mim essa marca' ter uma vida doada' uma vida em favor dos outros. fiz também experiência de trabalhos' fiz várias é:: experiências na vida' mas ficava pra mim essa vida doada... quando eu entrei no seminário é claro que isso foi ganhando conteúdo... não só existencial' mas conteúdo teológico né... a gente começou a perceber que esta vida doada encontra em Cristo o seu modelo maior... então aí é:: a gente começou a descobrir que o próprio Jesus que é o modelo de todo o sacerdócio' é:: viveu um sacerdócio existencial muito profundo né... ele mesmo se sacrificou' assim... doando-se inteiramente fazendo-se próximo dos outros' mas essa proximidade de serviço aos outros ganhou razão maior na cruz' a:: cruz foi o exemplar

digamos de doação foi aa// a:: culminância de uma vida doada... então... pra (=para mim) o sacerdócio passa por aí' as razões passam pela cruz do senhor... ou seja ter uma vida entregue em obediência à vontade do pai em favor dos outros' o mistério da cruz é uma razão digamos a fonte da vida sacerdotal tá ai... né... conceber uma existência em um sacerdócio onde o amor é tão exigente ao ponto de querer dar entregar a vida inteira em favor dos outros para elevar ao mundo a boa nova da salvação...

Orador 1: Quais foram os desafios e as facilidades também manifestadas quando da decisão propriamente do ministério sacerdotal?

Orador 2: Então... no início do percurso vocacional eu tive... primeiro desafio foi com relação a minha própria família... minha mãe era assim... mais próxima da igreja ela frequentava a missa foi ela quem me incentivou também' a minha avó' mas... quando assim eu decidi entrar no seminário o meu pai não era muito favorável... porque não era muito favorável' né... porque ele percebia que eu trabalhava como auxiliar no banco do brasil' menor auxiliar... e tinha em vista uma carreira que então ele:: era um tempo em que eu deveria deixar o banco do brasil ou fazer um concurso interno para me tornar é:: bancário... né... ai ele naquela situação diria foi alguém que me questionou meu filho você vai deixar essa oportunidade'' e quando ele me viu decidido de deixar o banco do brasil e abraçar o projeto do seminário... ai ele fez a última cartada' disse eu vou arrumar um emprego pra você na usina... ai eu disse não pai... eu na verdade eu não estou saindo do banco porque não estou insatisfeito com o banco não... eu estou saindo do banco porque eu quero abraçar outro projeto na vida... eu quero ser padre e:: até que ele assim com muita dificuldade aceitou e:: eu entrei na vida do seminário... então uma das dificuldades foi essa no início... né... depois apareceram outras dificuldades porque sempre digamos entre o projeto de vida sacerdotal e as minhas habilidades também pra(=para) outras atividades vista que eu também tinha vindo do mundo do trabalho pouco por vez eu me questionava' né... quer dizer vou continuar sendo padre ou vou fazer minha vida minha carreira'' meu... e isso sempre exigia de mim sempre um discernimento sempre de ter que focar de ter que procurar também na minha vida de oração na minha vida de aprofundamento vocacional é:: ter que sempre está de frente a uma escolha' né... uma decisão e se confirmando aquela decisão originária... as facilidades eu diria eu tive a graça de entrar inicialmente num seminário arquidiocesano de Maceió que foi uma exigência muito boa... mas depois eu fui para um outro estado pra (=para) a Paraíba era uma outra realidade eclesial... um outro estilo de formação... um estilo de formação que acreditava muito

na liberdade digamos assim é::: do formando como aquele que é:: auto formador no sentido de tem formadores como seus colaboradores... mas é o espírito santo que forma na medida que você vai se deixando conduzindo sua própria vida... então... uma experiência de uma formação muito dialogada... uma formação muito... é::: digamos até no campo das ideias muito aberta e isso acho que favoreceu o meu crescimento vocacional e também intelectual....

Orador 1: Como o senhor fortalece o seu ministério sacerdotal?

Orador 2: então...uma das coisas que que me faz sempre voltar a experiência sacerdotal é:: a::: a atitude de escuta e aqui de um modo muito amplo' escuta antes de tudo a Deus na oração... na meditação da palavra de Deus enquanto você se prepara' por exemplo' para as homilias que eu acredito que é um dos... dos desafios assim... maiores da vida do padre... ou.. um dos serviços que ele realiza' o serviço da palavra e você se confronta com a palavra de Deus e se coloca como discípulo como aquele que escuta aquela palavra é antes minha né... dirigida a mim melhor dizendo.. é antes dirige a mim do que ao:: povo de deus então a experiência da escuta da palavra de Deus... da oração e:: é claro a experiência da escuta também da realidade... da vida' do sofrimento das pessoas' dos anseios das pessoas' das conquis// porque o padre é uma pessoa muito... é::: procurada e assim pelos outros para abrir o seu coração' nós de algum modo né temos o privilégio de escutar coisas que as vezes um psicólogo não escuta' um médico não escuta' mas o padre escuta e isso que também é:: se transforma em apelo de Deus na vida da gente.... que as pessoas vivem assim e o modo que elas respondem... aos seus próprios desafios na vida também nos encoraja como sacerdotes.... e também nos reafirma naquela missão de viver para os outros...

Orador 1: Como o senhor descreve os êxitos e os possíveis fracassos no ministério sacerdotal?

Orador 2: bem os êxitos eu diria assim..... é::: a gente não consegue quantifica-los até porque eles não são é:: só nossos os êxitos na vida sacerdotal eles são acompanhados é claro sempre de um sentido espiritual' é cristo que tudo realiza' mas é o povo que também participa o padre não é nunca o padre só no exercício assim de sua missão inclusive os frutos da missão... o que ele faz como facilitador' como servo' como instrumento' na verdade é::: os frutos' são... não são dele' são... são da igreja' então nesse sentido eu vejo é:: que a gente compartilha né... no êxito pastoral... ou êxito na vida dos sacramentos.... né não tem como você é::: medir o êxito de uma bastava uma confissão na vida que você ouviu um penitente

que chegou pra você chorando ou quase decidido a::: a retirar a sua vida... não sei' desistir da vida... e depois da confissão você é::: vê-lo sorrindo e saindo com um... pouco de esperança... é um êxito que você não consegue ((risos)) medir e ao mesmo tempo você não consegue dizer olha foi por causa de mim... não foi não fui eu quem fiz isso.. foi Deus que realizou tudo né... agora os limites as decepções eu diria que o padre é ao mesmo tempo um homem de multidões como eu disse a você.... mas ao mesmo tempo é um homem só... né... nem sempre é fácil lhe dá com a solidão na vida né... você participa da vida de todo mundo... mas de algum modo::: as pessoas não participam da sua vida não... as vezes não tem um espaço de partilha ou de::: é::: dividir assim angústias... sofrimentos... e você se vê muitas vezes uma pessoa sozinha mesmo tendo que está com muita gente... e lhe dar com essa solidão... nem sempre é::: nem sempre é sempre fácil....

APÊNDICE II: (ENTREVISTA 2)

ENTREVISTA PADRE ELISSON

Orador 1: Quais foram os desafios e as facilidades também manifestadas quando da decisão propriamente do ministério sacerdotal?

Orador 2 é:: eu acho que o maior desafio... era enfrentar... é:: aquilo que eu já tinha dito dos medos e da insegurança' porque mesmo sabendo ai vinha aquela sensação de impotência... uma das preocupações acho que vai tocar ainda era justamente o que é que eu vou falar" o que é que eu vou dizer ao povo" como eu vou me posicionar" como ser essa presença de liderança" então isso eu diria até assim até um certo ponto claro me deixava um pouco inseguro... facilidade. isso foi o que foi me ajudando a corrigir justamente essa insegurança' foram os mestres' os professores, o exemplo de tantos padres que ao longo da formação foram ajudando' na direção espiritual' as disciplinas naquele tempo né que tinham outras disciplinas' por exemplo a psicologia da formação onde se trabalhava mais essas questões da vida sacerdotal... e o testemunho de padres que haviam dedicado e se dedicam ainda ao ministério.... então a fidelidade dos outros foi me estimulando a entender que eu podia também dá uma resposta consciente e fiel é:: a nosso senhor.

Orador 1: Quais foram os desafios e as facilidades também manifestadas quando da decisão propriamente do ministério sacerdotal?

Orador 2 é:: eu acho que o maior desafio... era enfrentar... é:: aquilo que eu já tinha dito dos medos e da insegurança' porque mesmo sabendo ai vinha aquela sensação de impotência... uma das preocupações acho que vai tocar ainda era justamente o que é que eu vou falar" o que é que eu vou dizer ao povo" como eu vou me posicionar" como ser essa presença de liderança" então isso eu diria até assim até um certo ponto claro me deixava um pouco inseguro... facilidade. isso foi o que foi me ajudando a corrigir justamente essa insegurança' foram os mestres' os professores, o exemplo de tantos padres que ao longo da formação foram ajudando' na direção espiritual' as disciplinas naquele tempo né que tinham outras disciplinas' por exemplo a psicologia da formação onde se trabalhava mais essas questões da vida sacerdotal... e o testemunho de padres que haviam dedicado e se dedicam ainda ao ministério.... então a fidelidade dos outros foi me estimulando a entender que eu podia também dá uma resposta consciente e fiel é:: a nosso senhor.

Orador 1: Como o senhor fortalece o seu ministério sacerdotal?

Orador 2: é:: há uma prática constante é aquela dos sacramentos né... confissão' a própria celebração do mistério da eucaristia' a vivência pra realizar os sacramentos' os sacramentais com espírito de fé' entendendo realmente a dimensão do apostolado não como um fazer para os outros mais fazer de verdade e viver realmente aquele mistério e aquele sentido é:: da nossa entrega de cada dia' viver a eucaristia viver aquela alegria de poder participar da vida das famílias... isso enche de esperança e de alegria porque nem sempre é fácil a rotina... né... então além disso a vida de oração' a direção espiritual' que eu tento me manter fiel não... mas com aquela frequência do seminário porque a gente tinha mais facilidade o diretor vinha até a gente não deixava faltar né... e até tinha o padre Celso que não esperava a gente procurá-lo né... mais ai eu tento... vou fazendo com certa frequência essa presença' esse acompanhamento da direção espiritual' da oração... o retiro' além daquele retiro do clero eu procuro fazer sempre o meu dia de descanso' meu dia de silêncio' meu dia de oração' alguns exagerados dizem assim é o dia de bicho... pra gente dormir o que quer' rezar o que quer... comer o que quer né... então é um dia mais assim normalmente é aquela folga da segunda' mas que não é um dia inútil espiritualmente... então são essas práticas e depois assim... a convivência com as famílias a boa amizade com as pessoas que aqui trabalhando no seminário essa convivência com os seminaristas né... eu trabalho na formação... então a gente vai tudo isso convivendo... aprendendo" ensinando e se renovando....

Orador 1: Como o senhor descreve os êxitos e os possíveis fracassos no ministério sacerdotal?

Orador 2: é né.... êxito além de ser agrado de Deus eu vejo sempre como aquele esforço humano de cooperar com a bondade de Deus... é uma questão da organização. da preparação' é:: da articulação' então cuidar' por exemplo' dessa preparação no nível de da participação dos fiéis' assumindo a minha responsabilidade... mas delegando também as responsabilidades... além já falei dessa preparação eu não sei se eu vou falar eu não sei se eu vou dar uma formação preparar' cuidar pra que não seja feito de.... de qualquer jeito. então o empenho' o amor' tudo isso favorece o êxito' e aí é bom porque a gente vê o retorno' né... ou seja terminamos uma formação' o trabalho a gente ver como foi bom' como valeu apena' como foi bom ter se dedicado' como tem frutos quando a gente se abre realmente é:: e se dispõe as dificuldades às vezes é um pouco assim da teimosia as vezes de achar que vai que

pode fazer só que desse jeito dá não dá tempo escutar e ai depois a gente percebe que não deu muito certo... que poderia ter partilhado melhor as atribuições' confiou na pessoa errada né... ai vem as pequenas decepções.... é:: as incompreensões e tudo isso é::: tira um pouco dessa motivação' mas também tem o seu aprendizado né... a gente aprende.